



SOB O SOM DAS GAIVOTAS

SOB O SOM DAS GAIVOTAS

SAMUEL ORNELAS

SOB O SOM DAS GAIVOTAS

Faculdade de Belas Artes Universidade do Porto
Relatório para obtenção do grau de Mestre em Pintura
Orientador: Arlindo Silva
Título: Sob O Som Das Gaivotas
Autor: Samuel Ornelas
Palavras-chave: Autorretrato, Mar, Pintura, Simbiose
email: muca.ornelas@gmail.com

Capa: Rafael Ribeiro Ferreira (redesenhos a partir da tipografia e dos azulejos da
Estação de Miramar - Vila Nova de Gaia)
Contracapa: fotografia Ana Torrie
Composição e paginação: pelo autor
Tipografia: Minion Pro

FBAUP | 2018
Mestrado | PINTURA

Porto | Portugal

ÍNDICE			
Prefácio por Arlindo Silva	8	A Dança:	68
GAIVOTAS:		Entre pratos e tintas	
A Imagem Detrás:	10	Folia:	72
Autorretratos de Willem den Ouden		O poder soprar	
As “Paisagens” Temporais Do Cemitério Do Prado Do	16	Zebra:	74
Repouso:		Camuflagem defesa seja	
Interpretações entre o visto e o sentido na concepção de uma pintura de paisagem		Seu Antônio Mora No Paraíso Não Precisa Ir Ao Mar:	78
A Cordilheira Azul:	26	A montanha	
O jogo das amplitudes		Verão Aqui, Inverno Lá:	80
O Inverno E O Surgimento De Uma Paleta:	30	Sonoros chamados	
Inquietações quanto as cores e o tempo no pintar			
Instinto Da Primavera:	36	+ Orientações	84
A pintora da cor			
Na Ponte:	38		
Traduções entre autobiografia e autorretrato (ou, Os Serás)			
O Lugar Dos Meus Silêncios:	44		
Breves visões do mar ao redor da Capela Senhor da Pedra			
Autopaisagem:	48		
A nebulosidade descrita dos rostos			
O Amigo E A Capivara:	50		
Atribuir um significado			
A Impermanência Das Coisas seguida de A Noite Antes	54		
Das Caravelas:			
Um novo colonizar			
Culto:	60		
Na natureza com os próprios pés			
As Nuvens Que O São:	64		
A distância			

PREFÁCIO

As cartas *Gaivotas* de Samuel Ornelas, que aqui tomam formas de relatório para obtenção do grau de Mestre em Pintura, constituem um elemento paralelo fundamental para alargar o modo como apreendemos o seu projecto de investigação pictórico, ao permitir o acesso a um conjunto de dados conceptuais e processuais nem sempre detectáveis. Nelas as palavras destilam preocupações, filiações, dúvidas, reflexões, etc., colocando-nos ainda mais próximos do seu trabalho plástico e das suas intenções efectivas.

Quando recebi a sua primeira carta, apercebi-me da afinidade deste plano discursivo com o da obra artística em geral, pois também ela no momento que se separa do seu autor se encontra para sempre à deriva, levando apenas o desejo de construir com o espectador um lugar interior. Esse sentido de hospitalidade enquanto acolhimento do outro, tão presente na sua essência, leva-nos ao momento da primeira abertura, *onde antes mesmo do eu próprio, e quem sou, ipse, é necessário que a irrupção do outro tenha instaurado essa relação de mim a mim próprio, (...) o meu “em mim”, como nos dizia Derrida, em Sob Palavra, Instantâneos Filosóficos* (2004).

Abertamente autobiográficas, nelas a vida corre num estado de permanente flutuação, diria mesmo de vaivém, entre o *eu* e o *outro*, o ver e o olhar, entre o pensar e o sentir, entre a pintura e o corpo, entre a partida e a chegada, entre a faculdade e o apartamento, entre o Porto e Miramar, entre Portugal e o Brasil (sua terra natal)... num movimento semelhante ao marulhar das ondas que tanto aqui como do outro lado rebentam nas suas margens e se estendem adormecendo na palavra espuma.

Arlindo Silva
29 de junho de 2018

A Imagem Detrás:

Autorretratos de Willem den Ouden

Caro Sr. Esteves,

Tenho visto novamente as imagens de um artista que não me sai da cabeça – Willem den Ouden. Lembra-se? Pois bem, há quanto tempo imagino um encontro com ele. Willem surgiu há anos dentro de um atelier de gravura no Brasil, o Piratininga ¹, e suas reproduções estão desgastadas de tanto folheadas, vistas e revistas, por mim, por você e por meus colegas artistas gravadores. Parece-me que os holandeses nascem com um poder especial para a pintura, a gravura, o desenho. Ele é a prova existencial desta época em que vivemos.

Meu encanto surgiu por suas gravuras. Há uma razão para isso, para esta aproximação. Sempre procurei encontrar em minhas pesquisas, artistas gravadores que revelassem a paisagem de forma presencial intensa. Ao descobrir suas imagens através do livro *Leven en werk van Willem den Ouden*, ² encontrei o que procurava de forma preciosa. Suas aquarelas e desenhos, gravuras e litografias são um roubo do céu transportado para o papel. Tento imaginar o quanto de observação, idade, estudo, foi necessário para que ele conseguisse chegar nestes resultados. Ele conseguiu mesmo, não acha? É como disse Aby Warburg com sua teoria da oscilação *que uma obra de arte só pode ganhar vida como um evento experimentado – quando se cria um diálogo entre o observador que experimenta e o objeto observado*. ³ Longe de conceitos externos, é pela faculdade interna que me atrai a obra de Willem.

Na internet apareceu-me um novo encontro com este artista, agora por uma fotografia onde Willem observava o céu holandês acima de um imenso horizonte, repleto de nuvens. Ali estava a prova, do seu olhar, do seu sorriso contido. Ele estava feliz, contemplativo. Não sei como é para os outros, mas me senti em seu lugar, também contente. Aliás, tal

serenidade não é fácil de conquistar. Seu olhar se aproxima de algo não palpável, em *dimensão desconhecida*, no *absoluto*, em *oscilações*, no *sublime*, no *hiato*, no *outro*. ⁴ São palavras que Doris von Drathen utiliza para descrever e comparar trabalhos de alguns artistas com o intervalo de Warburg. Cabe-lhe muito bem Sr. Esteves.

Bom, creio que já deu para perceber minha admiração por este artista. Resolvi escrever ao Sr., pois gostaria de saber sua opinião a respeito do que analisarei a seguir de quatro autorretratos de Willem, que ao meu ver, estão contidos de inúmeros significados - escondidos. Partirei deste comentário feito por um professor... *Para mim, é mais interessante não olhar os retratos como representação mas como performance*. ⁵ Incrível, não é Sr. Esteves?! Digo-lhe que ao escrever resolvi não buscar nenhuma referência quanto a data, título, tamanho e técnica utilizada. Isso verei depois. Por um lado, para não me influenciar e também por não poluir o meu imaginário. As coisas têm significados diferentes, são relativas, e “o universo é indiferente”, ouvi isso de alguém, não lembro mais quem.

São esses os autorretratos, aos quais os apelidei como: “A Borboleta Estrelar”, “O Sol Estrelar”, “O Chamado Estrelar”, e “O Tempo Estrelar”. ⁶ Este último, será seu neto que lhe presenteou? Chama-me a atenção por ser um relógio que não aponta às horas. Você não acha que os quatro aproximam-se da mesma coisa? Tenho esta impressão. Atuam como substitutos, como símbolos, muito mais do que uma mera representação. Seus conteúdos exploram mais a mensagem, a sua função, do que apenas a semelhança, que por sinal é também digna de expressividade. ⁷

Creio que são pinturas a óleo e imagino-as em proporções similares ao real. Há muita luz em todas, muito branco, e sempre a imagem do retrato está contrastada com fundos escuros - céus. O jeito de pintar é solto, sem contornos, é como se sua forma fosse nuvem. Ao mesmo tempo que há definição figurativa e de cores, ao mesmo tempo parece-me desintegrar-se. Já alerto o Sr. a reparar nas totalidades de intencio-

nalidades. Há um potencial do artista em revelar com autonomia cada ponto de suas imagens, de seus autorretratos. Acredito com fé, pois também faço muito autorretratos, que a entrega e o confronto com o espelho são capazes de revelar o que, talvez, de mais íntimo e divino encontra-se no interior do artista autorretratista.

A maturidade e idade do Sr. Willem me leva crer em sua necessidade do encontro entre o retrato e o divino, ou para simplificar, com o adiante, com sua morte. Olhe para estas pinturas, é como se ele já estivesse se preparando para este fim. Busca em sua memória imagens que transmitem tais significados. Imagens para serem compreendidas poeticamente. Ele quer compartilhar e junto aproximar.

Veja a pintura a qual chamei de “A Borboleta Estrelar”. Repare no sentimento do olhar, quase a chorar, a se despedir. A luz vem de cima, ocorre uma aurora boreal sobre sua cabeça enquanto seus olhos estão na sombra, sob seu chapéu. O que está acima não dá para ser visto, o chapéu assume esta função de esconder o inexplicável. A borboleta repousa e entra como símbolo da leveza, do toque, da mensageira da natureza. Suas vestes remetem a alguém que vive no campo, contextualizando esta aproximação de uma vida mais tranquila. O campo nos remete a isso.

Está olhando o sol, mas, a claridade e intensidade solar é tão forte que cobre seu rosto. Com esse gesto levanta sua mão e pede tempo. Há um brilho especial na ponta de seu pincel, seu instrumento de trabalho performático, anunciador. O fundo azul, o céu azul, sua camisa azul, tudo a se fundir. O brilho do sol reflete-se em seu óculos. Willem encontra-se a olhar de olhos fechados. Nós, observadores, que olhamos por ele. Para nós há luz, para ele escuridão. Esse o chamei de “O Sol Estrelar”.

Sr. Esteves, compartilho consigo minhas impressões. Elas não são únicas e se limitam a minha experiência interpretativa por memórias e vivências. É incrível como dependemos do passado para contextua-

lizar nosso presente, para que assim, haja um futuro. Acho que é isso também que Willem tem-nos a mostrar. Imagens Sr. Esteves, imagens! O quanto são importantes, unicamente imagens. Poderosas! ⁸

O universo estelar é enquadrado nesta pintura de ângulo incomum, desestabilizado. O artista projeta-se sobre o espaço sem chão repleto de estrelas que o circula. É uma lua nova? Novamente seu pincel tem aquele brilho especial. Os olhos do artista estão abertos, perdidos e atentos ao outro sentido, o sonoro. Projeta-se a escutar o além, “O Chamado das Estrelas”. Propõe a nós olharmos de baixo para cima para que as coisas tomem esta amplitude, semelhante quando deitamos sobre o chão para olharmos o céu numa noite estrelada aguardando pacientemente em silêncio a passagem de uma estrela cadente. Será que ele faz um pedido?

Qual o significado deste relógio que aparece neste último, “O Tempo Estrelar”? Porque fazer um autorretrato deste? Ah, este é especial, este é o sedutor! Repare que Willem olha diretamente para o observador - nós. Na verdade, não. Há um desvio. Ele olha para ele mesmo. Mantém certa ironia, certa espera, certo sorriso. Afinal, todos nós queremos por convenção que o relógio muitas vezes ande para trás. Desejo encontrar aqui qualquer coisa, existe uma expectativa coerente. Não faço ideia pra que sirva realmente este relógio sem horas, sem ponteiros, com um círculo vermelho semelhante a um alvo. Uma coisa tenho certeza, é um marcador do tempo, em alerta! Mostra-se a ele mesmo através da pintura como um duplo, discute com ele mesmo, reflete com seus “Eus” e esconde a nós, primeiramente, esses sentidos do seu tempo, invertendo adiante e delegando a este profundo significado (o título original desta obra chama-se “Autorretrato com botão de alarme”. Jamais vi tal relógio, deixo-me imaginar sua função).

Recordo-me de Rembrandt em seu autorretrato como apóstolo, já em sua velhice. Isto não é inocente, a velhice. Este Sr. Willem vai nos revelando pelas beiradas, dando-nos pistas aqui e ali. Algo simples torna-se profundamente especial. Seu rosto, o rosto, atraindo facilmente, e um pon-

to vermelho circular em seu quadro acaba dividindo nossa atenção, ocupando o mesmo lugar, um casamento, para mais tarde esse relógio tornar-se o personagem principal.

Caro companheiro, sei que o Sr. também o admira tanto quanto eu. Por isso resolvi lhe escrever novamente. Aliás, mantemos este contato a anos, sempre sinceros um com o outro, sempre verdadeiros ao nosso modo de ser e enxergar este mundo, não abdicando nunca desta virtude na qual consideramos a essência do nosso sadio relacionamento. Amanhã será um novo dia de influências e aprendizado, o amanhã está aí justamente para isso. Espero manter-me equilibrado e com a convicção que nós, humildes artistas, continuemos nossos dias a tentar filtrar e interpretar essas mensagens desses grandes homens *como instrumento para o alargamento da consciência, aquisição de autoconhecimento e um meio de libertar o Eu, encontrando um rumo no mundo.*⁹

Quem sabe um dia, e que seja próximo, combinamos de nos encontrar com este artista que tanto gostamos. Estudarei desde já a possibilidade e lhe comunico qualquer novidade.

Saudações, sempre,

S.

Outubro de 2016

1 | *Atelier Piratininga* (ateliê coletivo de gravura, São Paulo, Brasil)

2 | Van der WAL, Gijsbert (2003). *Leven en werk van Willem den Ouden* - Uitgeverij SUN

3 | von DRATHEN, Doris (2000). *Warburg e o seu potencial para a crítica de arte - Sobre o movimento do espectador*. Catálogo: The Mnemosyne Project, Delfi Sardo. Centro Português de Fotografia, p.29

4 | von DRATHEN (2000), p.30-31

5 | ALMEIDA, Paulo Luís (2016). Comentários da disciplina Processos Retóricos e Performativos: Apontamentos para uma retórica da imagem. FBAUP - Mestrado em Desenho e Técnicas de Impressão

6 | <http://willemdenouden.nl/> (acesso 3/10/2016)

7 | GOMBRICH, E. H. (1951[1988]). *Meditaciones sobre un caballo de juguete o Las raíces de la forma artística. Meditaciones sobre un caballo de juguete y otros ensayos sobre la teoría del arte*. Editorial Debate - Madrid

8 | WHITMAN, Walt (2002). *Folhas de Erva* – Vol. I. Relógio D'Água Editores - Lisboa, p.25-29

9 | von DRATHEN (2000), p.31

+
BARTHES, Roland (1964 [1986]). “Retórica de la Imagen”. in *Lo obvio y lo obtuso: imágenes, gestos, voces*. Paidós - Barcelona, p.29-47

· *Abraham Moritz Warburg (Aby Warburg)* - historiador de arte (1866/1929, Hamburgo - Alemanha)

· *Doris von Drathen* - historiadora de arte, crítica de arte (1950, Hamburgo - Alemanha)

· *Ernst Hans Josef Gombrich* – historiador de arte (1909, Viena – Áustria / 2001, Londres – Reino Unido)

· *Paulo Luís Almeida* - professor, artista (1974, Maputo - Moçambique)

· *Rembrandt Harmenszoon van Rijn* - pintor, gravurista (1606, Leida / 1669, Amsterdão - Países Baixos)

· *Walt Whitman* - poeta, ensaísta, jornalista (1819, Nova Iorque / 1892, Nova Jersey - EUA)

· *Willem den Ouden* - gravurista, desenhista, pintor (1928, Haarlem - Países Baixos)

As “Paisagens” Temporais Do Cemitério Do Prado Do Repouso: Interpretações entre o visto e o sentido na concepção de uma pintura de paisagem

Caro Sr. Esteves,

Em breve, o sol iluminará mais um nome que já passou. O tempo dissolve existências e nós insistimos em deixar permanecer. Toda manhã, as paisagens estão a sombra, agora no outono tem sido assim. As silhuetas das lápides, das esculturas, recebem um brilho amarelado especial. O que seria dos verdes das plantas sem os raios do sol? Um avião desenha uma linha que se expande no céu como aquarela. Estou aqui, abaixo, como uma árvore, com os pés fixos na terra. Como é bom enxergar, cores, reflexos, imaginação. É o primeiro finados na lembrança que não chove. Passarinhos celebram. Gaivotas pousam sobre as cruzes, tornam-se mais belas. Há tanto trabalho, matéria, suor. Há tanta existência, celebro essas tatuagens. São as jazidas de pedra mármore. São as mais belas paisagens pintadas pelo tempo. Mares, montanhas, pinheiros, florestas negras, vermelhas. Fogo e vento, marés. Camadas e camadas de anos acumuladas por oxidações, sol e chuva, por temperatura. Essas pedras deslocadas contidas de desenhos e grafismos das águas, brancas e leitosas, tornam-se o suporte ideal acolhedor dessas esplêndidas pinturas. Incríveis paisagens Sr. Esteves. Rachaduras e buracos tornam-se estradas e cavernas. Fungos invocam estrelas negras. Visualmente distantes, as vejo semelhante na beira de um espinhaço.

O trabalho da amiga Carolina Sales Teixeira ¹ é um convite a navegar neste universo. Para quem a conhece, entende-se facilmente seus mares internos. Apesar de não ter nascido nos Açores, mas por ter vivido e crescido lá, herda num jogo de coloridas manchas sobre tecidos, às vezes com gestos e tempos controlados, muitas vezes pelo acaso das aparições das mesmas quando mergulha seus tecidos em pigmentos, os mais variados desenhos de suas enraizadas paisagens. Leva-me a

crer, e por que não, que isto só possa ocorrer peculiarmente com ela. É como se essas manchas já lhe pertencesse, ou, aguardavam sua espera para que se tornassem luz. São imagens que vão surgindo ao decorrer de sua imersão, como Vincent disse: *Conservo da natureza uma certa ordem e sucessão e uma certa precisão na atribuição dos tons, estudo a natureza para não fazer coisas insensatas, para permanecer “razoável”, mas interessa-me menos que minha cor seja precisamente idêntica, ao pé da letra, a partir do momento em que em minha tela ela fique tão bela quanto na vida.* ²

É interessante notar nas obras de Carolina a potencialidade para serem vistas de cima, ou de baixo, apontadas para o sol, para a luz, onde a luminosidade possa atravessar as cores atribuindo outras dimensões. Não sei se a Carolina sabe, mas ousar dizer que isto se sucede justamente por ter crescido em uma ilha de geográficas vistas aéreas. Suas pinturas remetem esses horizontes e planos, mapeados e somados por grades cartográficas, simples estruturas geométricas construídas por linhas que se atravessam entre si, inseridas sobre a pintura com pintura, ou, a aplicação de vernizes, revelando a localização de seus continentes, ilhas e oceanos internos, dos seus próprios mapas de tesouros. Suas viagens entre o continente e a ilha, sua infância concebida, foram e são situações as quais seus trabalhos dependem para nascer, assim penso, também, como uma declaração de amor por este lugar, o primeiro lugar de suas emocionais sensações.

Rudyard Kipling compara a descoberta do primeiro amor de seu personagem *Charlie* com as origens das coisas existentes: *Nesse momento, compreendi por que os Senhores da Vida e da Morte fecham as portas atrás de nós com tanto cuidado. É para que não possamos recordar nossos primeiros e belos amores. Não fosse por isso, em cem anos o mundo não teria mais nenhum habitante.* ³ Ao mesmo tempo, na possibilidade de transitar e revelar, escondida, minha colega se declara a este lugar e nos abre esta possibilidade de se aproximar e de se apaixonar. *Porque alguém se apaixona? É pela própria sensualidade da matéria.* ⁴ *A compreensão e a criatividade artística encontram-se irreprimivelmen-*

te ligadas à emoção. ⁵ Neste encontro, segue a declaração também de Fayga Ostrower, artista plástica brasileira, nascida na Polônia, a Lívio Abramo. Amorosa e grata, Fayga diz sobre a importância das qualidades humanas, os valores, e os credita ao seu amigo artista gravador *um homem de uma grandeza humana pela gravura brasileira*. Esses princípios acerca a arte *como capacidade de esperança, capacidade de se surpreender com a vida, a arte feita de experiência de vida.* ⁶ Nisso acreditava, compartilho.

As “paisagens” do Cemitério do Prado do Repouso conectam-se com os trabalhos de Carolina e Fayga. Foi preciso atravessar o Atlântico para que meu interesse neste tipo de imagem despertasse. O incrível, é que na biblioteca do Atelier Piratininga folheava de vez em quando livros com trabalhos de Fayga. Sempre admirei suas obras, mas nunca as tinha dado tamanha importância. Em seus céus, montanhas e mares as cores sobrepõem-se num jogo de transparências e texturas, imensas combinações e jogos de contrastes entre cores complementares. Seus gestos repetem o movimento das marés para arquitetarem suas imagens verticais e horizontais, principalmente em suas litografias da década de 80.

Há uma relação com o meu ver, com meus olhos. A miopia tem-me proporcionado enxergar de modo particular, turvo, por manchas não definidas, corridas. São breves descrições. Tenho a sensação (*toda sensação é intuitiva, quanto mais experiência mais intuição*) ⁶ de que tudo se quer fundir. Perdura imensa profundidade de campo em suas obras. *Quando as relações tem um sentido aí que vem a beleza, verdade profunda, harmonia interior. As ordenações da natureza.* ⁶ Essas ordenações da natureza, talvez, sejam o que me levaram ao encontro dessas lápides. Distante de uma abordagem visual comum, presumo que as “paisagens” das lápides do Prado do Repouso são primas das paisagens de Fayga, em contextos diferentes.

Depois de tanto potencial oferecido gratuitamente pela natureza em si, a natureza funciona como uma pintora enlouquecida, capaz de nunca

permanecer imóvel, em contínua criatividade. Ela é a Mestre criativa e nós somos quem a copia e a revela. Uma formosa dupla necessária. Há aqueles que a incorporam tanto no infinito desejo de flutuar em suas nuvens e em seu pincel secreto. Porventura, os solitários cercam-se próximos de alcançá-la em sua virtude, pois uma boa solidão é capaz de nos aproximar ao *reino além do tempo e da aparência. É lá que pertencemos, é a nossa pátria, é nessa direção que o nosso coração anseia ir.* ⁷ O silêncio é revelador. Assim sendo, acredito em um instante de compreensão adquirido onde o artista pode expressar esse conteúdo. A paisagem está infiltrada pronta a ser exposta. Essa tentativa de expressão *não duvido que na sua maioria são ficção, embora não num sentido de um ato voluntário de invenção, mas sim enquanto tentativa de expressão, que mostra processos psíquicos vividos a um nível profundo apresentados como acontecimentos visíveis.* ⁸

Um bom pintor que faz céu e mar engolirem-se é Turner. Dá a luz sua real divindade preservando o claro e o escuro, na dramaticidade, sabendo captar precisamente a intensidade solar e lunar. Mostra além daquilo que queremos ver. O que dizer mais de Turner e o Mar? Van Gogh responde emblematicamente: *o verdadeiro pintor deixa-se guiar por esta consciência que chamamos sentimento. Sua alma, seu espírito, não estão a serviço de seu pincel, mas seu pincel é que está a serviço de seu espírito. Assim também a tela é que tem medo do bom pintor e não o pintor da tela.* ⁹

Aqui no Porto Sr. Esteves, essa paisagem “manchada” regressa diariamente. Sinto um cansaço nos olhos ao utilizar os óculos por longas horas, e por coincidência ou não Whistler, Turner, ressurgem. Prefiro que a luz venha da escuridão, e não o contrário. Quando não uso meus óculos, meus trabalhos adquirem uma plasticidade maior. O que se passa? Desde que cheguei esforço-me em dialogar com esta arquitetura da cidade. Não trocamos o suficiente para que uma interação artística surja. Quando nuvens descem, quando a chuva cai, quando a noite chega, tudo parece mais íntimo e belo a mim. É uma alegria o som das gaivotas, recorda-me que o mar está próximo. As gaivotas

carregam as cartas que esperamos receber. O outono mostra o romantismo das cores. Como descrever o crepúsculo assistido entre as folhas avermelhadas?

Cheguei sobrevoando esta cidade entre um mar de nuvens brancas cinzentas. Era cedo. Aterrei na escuridão esbranquiçada. O Sol esquentava somente o baixo horizonte e seus primeiros raios atravessavam as árvores e alcançavam o céu por frestas passageiras. Mais tarde, descubro os céus de Michael Biberstein e hoje faz-me recordar desta chegada. Às vezes o topo das montanhas surgiam na imensidão azul, por vezes enterravam-se nas nuvens, uma cadeia de montanhas fantasmagóricas. Não seria esse jogo com nuvens e luzes fantasmas encontradas nas pinturas de Biberstein? A pintura na Igreja de Santa Isabel aprisiona os olhos a um céu encantado, enfeitado. É o céu particular projetado pelo artista, não é um céu qualquer. Um céu que não é, um céu que se sente - *Diga-lhe que meu grande desejo é aprender a fazer tais incorreções, tais anomalias, tais modificações, tais mudanças da realidade, de forma que resultem, sim, mentiras, se lhe apraz, mas mais verdadeiras que a verdade literal.*¹⁰ Biberstein faleceu inesperadamente, mas seu céu renasceu.

Essas interpretações celestiais são proporcionadas justamente por sua imensidão. Quando olhamos um céu de azul profundo, para não citar uma noite estrelada, é possível medir tal magnitude, tal profundidade? Nossa atmosfera nos proporciona céus azuis e horizontes vermelho alaranjados. Outros sóis surgem a distâncias inimagináveis a brilhar num infinito manto negro. As formas e não formas das nuvens que estão em mudança constante em pleno movimento, as damas d'água que nos enchem de possibilidades. Um paisagista pode passar sua vida inteira a pintar nuvens, nunca cessará, porquê nunca olhamos para um mesmo céu, porquê nunca podemos tocá-lo, porquê na verdade é luz. E luz, é pintura.

Caro Sr. Esteves, o que me impressiona tem a ver com a dimensão. É tão bom ver aquelas pinturas que ousam expandir de suas molduras.

O horizonte não é plano. Se olharmos atentamente parece-nos que se atreve a abraçar-nos. Tem também aquelas outras pinturas atrevidas de âmbito semelhante quando cerrarmos os olhos com força e na escuridão fechada surgem infinitos espectros. Esse artista, Biberstein, alcança tal sutileza a povoar junto as nuvens.

Já a Holanda considero um lugar privilegiado aos raios solares. As paisagens vistas que de lá nascem alcançam a expansão e é com satisfação que Willem den Ouden a compreende e não a aprisiona, tornando-as imagens sem fronteiras. Sua linha do horizonte jamais ultrapassa um quarto de suas pinturas. Soa-me quase como um regra. Acima disto o pincel atua seduzido na construção dos seus céus. Em diversas técnicas, a gravura em metal, litografia, aquarela, pintura a óleo ou com lápis esse artista tem traduzido durante sua vida o espetáculo dos raios e halos solares, tempestades e o jogo das nuvens como ninguém! (este artista sempre em nossas conversas vêm à tona, não é mesmo?)

Também me é inerente atribuir esta temática a constante busca de alguns artistas ao desconhecido, a uma descoberta interior que dá-se início na integração com a natureza. Willem diz-me muito sobre através de suas paisagens e seus autorretratos. A relação com o divino, quem sabe, vincula-se com a conquista de serenidade, de paz. A obra é concebida por troca na experiência. Não se pinta céu sem observar o céu. A idade amadurece o relacionamento. O gesto significa tempo de vivência incorporado. As paisagens desse artista pode-nos cegar de tanta luz a sair da tela. As olhamos com as mãos sobre a testa.

Estimo Willem um homem de tal integração: *Quando um homem percebe que a natureza não o considera importante e não julga que seja nenhuma mutilação ao universo se livrar dele..., assim Uma estrela alta e fria em uma noite de inverno é a palavra que ele julga ouvir da natureza. A partir de então toma consciência da sua verdadeira condição.*¹¹

Andamos distraídos, não somos mais contemplativos Sr. Esteves. Ninguém as percebe, as minhas “paisagens” reveladoras. Os bancos ficam

de costas a elas. Franciscus de Almada e Mendonça fica de costas a elas. A Capela acústica do Repouso fica de frente, com as portas abertas. Quem saí de lá, vê a exposição por trás do jardim e das pequenas árvores. Andantes a perambular, ninguém entra na Capela, ninguém vê a exposição. Que ousem gritar! Seria orquestral! Jacobus Major, Petrus, Paulus, Simon, Andreas, Philippus, Mathaeus, Joannes, Jacobus Minor, Thomas, Bartholomaeus, Mathias, sob o teto pintado de um altar vazio de círculo branco. A pirâmide, o terceiro olho sobre Cristo pregado na cruz. Capela de pedra calcária, decoração neoclássica, ao classicismo italiano do Bispo D. António de S. José de Castro. Estuques e ornatos do cenógrafo italiano Luigi Chiari. A Capela sem cruz! O Cemitério plástico! A química e a geometria. A matemática existencial. Sem planejar, resolvi escrever hoje no dia dos mortos. Hoje é o dia em que nós interrompemos o silêncio deles para lembrá-los com flores. Aos queridos amigos, entes queridos, e também aqueles que desconheci, que vossa imensidão habite novas constelações. *Morro com os moribundos e nasço com um bebé que foi lavado há pouco, e não existo apenas entre o meu chapéu e as minhas botas...*¹²

Paisagens cravadas com parafusos, metal, manchas verdes de oxidação fundem-se, escorrem, anos e anos. Nomes e mais nomes entalhados, pintados, apagados, de forma maestra são realizados, de forma maestra são esquecidos. Números de nascimento? De morte? De eternidade? (*Cada nascimento significa uma separação do todo universal*).¹³ Uma nova vida exuberante se projeta pra luz, deixa a escuridão desta caixa de pó, se liberta pelos cantos, fendas, pequenos buracos. Poemas que celebram a saudade que teremos. Homenagens e mensagens que deixamos de dizer. Abraços e beijos perdidos. Pó, vento, folhas secas do outono. Sangue de gerações a retornar, cada João ou Maria transformados em uma paisagem, em uma particularidade. Pinturas presentes de um pincel escondido no silêncio.

Afinal, quem as pintou?

Saudações Sr. Esteves, espero encontrá-lo brevemente.
S.

Novembro de 2016

- 1 | <http://cargocollective.com/CarolinaSalesTeixeira/> (acesso 10/11/2016)
- 2 | van GOGH, Vincent (2002). *Cartas a Théo*. L&PM (Coleção L&PM Pocket) - Porto Alegre, carta 429, p.160
- 3 | KIPLING, Rudyard. Jack London. Stephen Crane (2000). *A Historia mais Bela do Mundo, Três contos do mar*. Dantes (Coleção 3 Contos, 1) - Rio de Janeiro, p.192
- 4 | <http://faygaostrower.org.br/livros-e-videos/videos> - (1989) vídeo, acervo Instituto Fayga Ostrower (acesso 15/11/2016)
- 5 | *Idem* von DRATHEN, Doris (2000), p.36
- 6 | *Idem* (1989) vídeo, acervo Instituto Fayga Ostrower (acesso 15/11/2016)
- 7 | HESSE, Hermann (2013). *O Lobo das Estepes* - 1ª ed. Dom Quixote - Alfragide, p.183
- 8 | *Idem* HESSE, Hermann (2013), p.28
- 9 | *Idem* van GOGH, Vincent (2002), carta 427, p.151
- 10 | *Idem* van GOGH, Vincent (2002), carta 418, p.148
- 11 | *Idem* Stephen Crane (2000), p.192
- 12 | *Idem* WHITMAN, Walt (2002), p.75
- 13 | *Idem* HESSE, Hermann (2013), p.78

+
RILKE, Rainer Maria (1967). *Cartas a um Jovem Poeta*. Hemus, Livraria Editôra
Idem Van der WAL, Gijsbert (2003)
<http://www.michaelbiberstein.com/pt> (acesso 12/11/2016)
<https://vimeo.com/16163068> (acesso 13/11/2016)
<http://ceusantaisabel.blogspot.pt/> (acesso 13/11/2016)
<http://contemporanea.pt/agosto-setembro2016/55/> (acesso 14/11/2016)
<http://faygaostrower.org.br/search.php?tagid%5B%5D=6> (acesso 16/11/2016)
<http://willemdenouden.nl/> (acesso 17/11/2016)
<https://www.youtube.com/watch?v=IsLDCPd3KKM> (acesso 17/11/2016)
<http://www.tate.org.uk/art/research-publications/jmw-turner> (acesso 18/11/2016)
<https://www.nationalgallery.org.uk/artists/joseph-mallord-william-turner> (acesso 18/11/2016)

- *Carolina Sales Teixeira* - artista plástica (1992, Maputo - Moçambique)
- *Fayga Ostrower* - artista plástica (1920, Łódź - Polónia / 2001, Rio de Janeiro - Brasil)
- *Francisco de Almada Mendonça* - juiz desembargador, corregedor, provedor (1757, Lisboa / 1804, Porto - Portugal)
- *Herman Karl Hesse* - escritor, pintor (1877, Calw - Alemanha / 1962, Montagnola - Suíça)
- *James Abbott McNeill Whistler* - pintor (1834, Massachusetts - EUA / 1903, Londres - Reino Unido)
- *Joseph Mallord William Turner* - pintor (1775, Londres / 1851, Chelsea - Reino Unido)
- *Joseph Rudyard Kipling*- autor, poeta (1865, Bombaim -Índia / 1936, Londres - Reino Unido)
- *Lívio Abramo* - gravador, pintor (1903, São Paulo - Brasil / 1993, Assunção - Paraguai)
- *Michael Biberstein* – artista plástico, pintor (1948, Soleura – Suíça / 2013, Alandroa - Portugal)
- *Vincent van Gogh* - pintor (1853, Zundert - Países Baixos / 1890, Auvers-sur-Oise - França)

A Cordilheira Azul: O jogo das amplitudes

Caro Sr. Esteves,

Desculpe-me a insistência, cada vez mais meu dia-a-dia quer ser desenho. Já aconteceu, ou o Sr. já teve esta mesma sensação? Tudo aproxima-se do desenho. Descrevo, entendo a rotina por ele. Mais intenso é quando estou a realizar um trabalho que, por exemplo, a cor azul tem grande importância. Ando pelas ruas, dentro de casa, nas roupas das pessoas, o azul me persegue. Além disso, na semelhança todas as pessoas passam a ter olhos azuis, roupas azuis, cabelos azuis. A vizinha pinta a parede da casa de azul, o outro vizinho compra um carro azul, e visto-me sem querer de azul. Será possível? Que se passa?

Isso realmente acontece. As formas, as cores, no diário da vida repetem-se pela matemática universal. Cheguei uma vez estudar a sério esta relação, mas confesso que para mim a matemática é infernal. Não demorei muito tempo a desistir. O pouco estudado foi o suficiente para aceitar convicto a tal lei matemática universal contida em toda matéria. Da mesma forma, o desenho (falo do desenho como ele próprio, como pintura, como gesto plástico expressivo) também está contido e se repete enlouquecidamente no quotidiano como instrumento descritivo analítico do mundo. Por ele enxergo as coisas e construo as formas para que se tornem reais (mas no fundo não são, nada é só, são por acúmulos dos só). Se não fosse pelo desenho, haveria a beleza? Esse vínculo não se dá apenas visualmente, é sempre a almejada sensação de querer projetar conteúdos para que as situações sejam íntimas nossas. O acto de me colocar à disposição do encontro é a abertura crucial que conecta divinamente a natureza pulsante que habita todas as coisas.

Como partilhar? Por que tenho o desejo, a vontade constante de contar a minha história, a minha experiência? Pelas palavras as conto, dese-

nho cada letra novamente e novamente a mim por lembrança, a você, e talvez ao outro, as minhas verdades? Humildemente, sem permissão, anseio que minhas histórias sirvam de estímulo, de possível audição, seja profícua. É impossível haver igualdade e é desta maneira, e só por ela, que mesmo pela repetição acha-se uma faísca de desigualdade para que a graça reine na vida.

A sensibilidade é irmã da presença. Juntas são como uma locomotiva do despertar a todo vapor.

Sr. Esteves, parei de fazer julgamentos quanto as possíveis realidades existentes. Temos a tendência de considerar a que está mais próxima, ao nosso redor, por nossas bagagens e nossos valores, muitas vezes por nossa criação. Na tentativa de organizar e dar ordem classificamos os corpos para vivermos em paz e não ficarmos insanos com o desconhecido. Portanto, para mim, por mais que fale e tome posicionamento, realidade, fantasia, imaginação, ficção, pertence ao cosmo pessoal, não social. Todavia, uma obra inevitavelmente traduz o bairro aonde habita-se.

Este é o jogo das amplitudes em que me aventuro, descubro nos pequenos objetos uma vastidão de significados. A visão é um sentido especial e trapaceiro. Pode-se facilmente por aproximação ou distanciamento figurar opostos. A imagem contradiz. Fiz de um amontoado de pedras uma miragem. As imagens deste ensaio fotográfico aparentam valer reais quanto a seu tamanho, lugar, existência: uma Cordilheira Azul (ela cabe em minhas mãos). Pedras descartadas, pedra pintada, pedra descascada, o tempo agindo, transformando. A dança dos ventos, as ranhuras das chuvas, os registros do mundo em constante movimento. Corpo com corpo, o toque necessário à continuidade, ao equilíbrio das situações sempre voluntárias, não perceptíveis. Muitas vezes, o desejo que chega. Minhas pequenas e simples descobertas transformadas em montanhas, as aparições por conexões das sensibilidades inexplicáveis. Meu corpo é uma galáxia, minha casa é um mistério. Dar forma a memória, aos conteúdos, as minhas paixões e meus sonhos. Esse conjunto

de pedras, talvez, sejam: o que não posso alcançar, o que não posso desenhar, o que ultrapassa a minha capacidade - a grandiosidade de uma Cordilheira. Não posso tê-la!

Este é o princípio: o que está ao meu redor influencia minhas ações e seus resultados. Van Gogh não fazia retratos de quem não conhecia (ouvi falar, não sei se é lenda e romantismo). De certa maneira, se assim for, já previa que a pintura não teria tal profundidade. Previa a frieza da obra por não haver intimidade com o estranho. Nosso corpo é um armário repleto de gavetas, e no que diz respeito ao sentimento, não basta apenas possuir as chaves. Colho sementes e as semeio, mais sincero sou, comigo, conosco, com os outros, com o meu trabalho.

Não sei exatamente o que é amor, sinto-me próximo quando paquero a vida. É o convívio sigiloso que o desenho de observação conquista, na troca, minha com o desenho, minha com meu próprio corpo. Não se pode dar tudo porque mata-se de uma só vez. As gravuras de Rembrandt revelam apenas o necessário. As imagens soam inacabadas, e essa possibilidade oferecida de completá-las é evidente por suas incontáveis alterações em suas matrizes de cobre. Tantos signos, tamanho drama em sua linha, no infinito processo de possibilidades. Enalteçamos o maior artista de todos os tempos! Concorde Sr. Esteves?

Envio-lhe em seguida fotografias da minha Cordilheira Azul. Quase pronto a escalá-la!

Grandioso aperto de mão.
Saudações,
S.
Dezembro de 2016

+

Idem ALMEIDA, Paulo Luís (2016)

<http://www.tschumi.com/projects/18/> (acesso 5/12/2016)

<http://francisalys.com/> (acesso 12/12/2016)

<http://joaomotta.culturalsynthesis.com/jardins-magicos/> (acesso 19/12/2016)

O Inverno E O Surgimento De Uma Paleta:

Inquietações quanto as cores e o tempo no pintar

Caro Sr. Esteves,

Fui a Holanda. Não conheci Willem den Ouden. Estava frio lá, está frio aqui no Porto. Obtive retorno da galeria ¹ que possui algumas de suas obras apenas no final de minha viagem. Willem, no momento, encontra-se doente e já com 88 anos. Em maio deste ano, haverá uma nova exposição de seus trabalhos na mesma galeria. Quem sabe eu consiga ir visitar. Essa viagem tornou-se esclarecedora para a minha pintura. As frequentes perguntas, tais inquietações presentes sempre no trabalho, respondidas pelos eternos mestres. Não há jeito de se aprender melhor. Ao vivo, aos meus olhos encontravam-se os fundos, cores, pinceladas, soluções, dimensões. Trabalhar e ver os mestres, essa é a fórmula, aí está a alquimia.

De fato, adoro os artistas holandeses. Minha avó disse-me que quando eu era um menino admirava folhear sua Bíblia repleta de ilustrações. Já adulto, presenteou-me com a mesma, recheada de Rembrandt, gravuras e pinturas. O caminho da xilogravura deu-me atitude escultórica, do entalhe, deste gesto praticado nos últimos dez anos, estou satisfeito com eles na pintura. Agora, que inferno tornou-se as cores. A primeiro momento, o fundo negro de marfim aplicado (que vem da construção de minhas xilos) rebaixava todas as camadas de cores que vinham por cima. Não era isso. Faltava-me luz, faltava-me corpo, massa. A luz precisa vir da escuridão, este é o princípio. Tentei solucionar mudando o fundo e até fiz alguns testes com outras cores como o terra de sienna tostada, azul da prússia, alizarin, verde viridian e terra de sombra natural. Nada resultou. A pintura aparentou-me sem dramaticidade, calma, nada a revelar pelas cores. Monótona e tecnicista. Falta-me experimentar o ocre de fundo, amigo, para a solução das minhas luzes. É a cor que mais tenho usado. Há uma distância enorme ao pretendido,

sinto uma proximidade a conquista de uma primeira paleta. Anteriormente, os retratos invocavam-se demasiado coloridos. Cores perdidas, sem sentido, apenas estético. Não era isso que buscava. Muita cor é um problema para mim, perco-me. Zorn me ajudou! Meu caro professor Arlindo aconselhou-me para os retratos: negro de marfim + vermelho cádmio + ocre + branco de titânio. Só.

Ah, Sr. Esteves, como essas cores me ajudaram. Estou a experimentá-las. É incrível as possibilidades tonais variantes delas. Já fiz alguns retratos e paisagens – marinhas (acrescentei azul cobalto). É o suficiente. A partir de agora, então, será assim: retratos – negro de marfim + branco de titânio + ocre + vermelho cádmio. Quando precisar, azul cobalto – as cinco cores. Tenho dúvidas ainda quanto o amarelo cádmio, creio uma hora precisar.

É óbvio o limite, mas, limites dá-nos conquistas, versatilidade. São essas cores que me aproximo, trazem-me uma felicidade interna. Já descartei outros pincéis que não sejam os chatos, pelos curtos e médios. Estou satisfeito com os baratos de cerdas de porco, deixam rastros. Eles trabalham e correspondem aos meus desejos, bons tradutores. Ao contrário do que me parecia, a redução de cores atribui-me amplitude. O que perturba no momento é o fato de finalizar a pintura, sempre “alla prima”, sempre em “plen air”, e no dia a seguir tenho vontade de fazer correções, acrescentar definições. Contudo o modelo não mais lá está, a paisagem se foi, o momento já não é o mesmo, o desafio e o confronto acalmou. Isso não me interessa. A batalha é pela habilidade de atingir o máximo de uma só vez. Tal compreensão dinâmica aguardo o tempo me favorecer. Nos retratos levo cerca de três a quatro horas para realizá-los. Sinto-me cansado e sem paciência por mais tempo. O retratado cansa-se. Decerto, mais uma sessão? Decerto perdesse a plasticidade, a velocidade anterior? Cobriria com novas camadas esta fluidez? Esse frescor? Não sei, gostaria que se encerrasse, tudo, numa única sessão. Afinal, quando o modelo volta a repousar no dia seguinte a energia é outra. Passou. É uma nova pintura que se inicia. A paisagem é uma exaustão, puro movimento constante, em

instantes a nuvem não é a mesma, o mar não é o mesmo. Compreensão e memória.

O confronto do retrato é entranhar o coração. Ouvir o pulsar numa viagem que começa na troca do olhar. A afetividade facilita o caminho. Reparo que no instante que me aproximo para encontrar o brilho dos olhos, o modelo é pura presença viva. Este olhar é raro, são segundos maravilhosos. Uma conexão sem toque, um mergulho na pureza. Noto diferença na ação de fazer um retrato e fazer uma paisagem. Enquanto no retrato projeto-me adentro da pessoa no intuito de roubar-lhe seus desejos, na paisagem, procuro quem Sou através destas imperiosas dimensões de florestas, mares e montanhas. Mas, quando estou a fazer um autorretrato desconheço-me, não sou ninguém, quem sou Eu? Este mistério persegue-me.

Nos retratos, para pintá-los, busco certo conforto e um lugar agradável, para mim, para o modelo. Nas paisagens, o oposto, sou atraído ao desconforto. Um pouco de chuva, sol, vento, insetos, frio, calor, fome, sede é o que na verdade adoro sentir quando estou a fazer paisagem. Do lado de fora é que está o encontro. Do lado de fora é que a vida é vida, brota, surge. Ao despertar tarde, ou, ao passar o dia inteiro dentro de casa, sei que desperdicei um novo encontro. Pessoas desconhecidas, histórias de pescadores, o sentimento de liberdade que o trabalho ao ar livre oferece proporciona em poucos minutos confiança, contos sinceros e preciosos entre nós: eu, o estranho, o trabalho e o lugar.

Em Miramar tenho trabalhado. Aos poucos os moradores que já lá vivem há anos aproximam-se, de mim, de minhas histórias, meus motivos, minha pintura. Um deles disse-me: “As ondas que estão em tua tela estão a vir no sentido contrário, elas nunca chegam desta direção. Mas deixe assim, eu gosto, e ninguém precisa saber além de tu e eu”. Depois, seguiu-se uma aula sobre o movimento das ondas na costa portuguesa. Quantos professores imprevistos são possíveis encontrar durante uma vida? Aonde reside os mestres? Contato, contato. Ir sempre, por você mesmo, na fonte.

Fiz isso novamente Sr. Esteves. Fui novamente a Holanda. É lá que viveu Rembrandt e Hals! Dizem por aí que eles “são da antiga”, sobra-me risadas. Suas pinturas são tão atuais, tão contemporâneas. Continuamos a imitá-los hoje. Tamanha importância foi essa viagem neste momento em que anseio uma paleta para mais potencialidade visual em minhas pinturas. No Rijksmuseum marcou-me uma pintura do Hals a qual nunca dei tamanha importância, pois sempre nos livros parecia-me demasiada escura. Que surpresa foi vê-la ao vivo. Passei mais tempo admirando-a que a própria *Ronda Noturna* de Rembrandt que estava ao seu lado (*Retrato de um casal, provavelmente Isaac Abrahamsz Massa e Beatrix van der Laen*, Frans Hals, c. 1622). Também descobri o pintor de cenas de rua: Breitner! Fabulosa suas escolhas de cenas, de ângulos. Instigou-me a pintar as ruas do Porto, a cidade em si, coisa que nunca fiz além de uns desenhos. Nas paisagens naturalistas gostei de Matthijs e Jacob Maris, e os mares de Hendrik Willem Mesdag. São no momento os pintores a estudar.

Haarlem me conquistou, a cidade, as pessoas, o museu. Uma maravilhosa boa impressão! Mesmo no inverno a -7! Voltarei lá, muita informação, poderia ficar uma semana inteira só olhando a vestimenta de um oficial dos retratos dos *Oficiais da Guarda Cívica de São Jorge*² (sobre a execução das mãos, considero Hals e Kollwitz os dois grandes maestros). Depois fui ao Mauritshuis, em Den Haag, onde não imaginava que a *Vista de Delft* de Vermeer fosse tão impressionante. Eu tinha a ideia que a tela fosse menor. Um céu, a cidade, o canal e a margem. Tudo muito simples, ali, tão bela por isso. Ah, e sim, o velho e bom autorretrato de Rembrandt (1669) e o *Retrato de um Homem Idoso* tão solto... foi o quadro em que fiquei por mais tempo (tenho a impressão que o *Menino Sorrindo* do Hals era uma impressão digital em relevo, não era a pintura. Pode ter sido meus olhos cansados de ver pinturas...).

Volto desta viagem entusiasmado a pintar. Reconheço que preciso saltar, e é somente este sentimento de achar minhas pinturas fracas que me dá força e impulso a melhorar. Tenho tido dias agradáveis, reco-

nheço uma aproximação mais calorosa com as pessoas daqui. Estou contente e esperançoso com dias futuros e fé que conseguirei estabilizar-me financeiramente. Pois tudo depende disto. Até isso não se resolver, creio que não nos corresponderemos. Voltarei com notícias. Escrevo-lhe.

Saudações companheiro.

S.

24 de janeiro de 2017

1 | *Waalgalerie* (Tiel, Países Baixos)

2 | *Frans Hals Museum* (Haarlem, Países Baixos)

+

BIRKER, Jonathan and J.M. WEBER, Gregor (2014-2015). *Rembrandt: The Late Works*. National Gallery Company in Association with The Rijksmuseum, Amsterdam - London

LIEDTKE, Walter (2011). *Frans Hals: Style and Substance*. The Metropolitan Museum Of Art - New York

ZIGROSSER, Carl (1969). *Prints and Drawings of Kathe Kollwitz* – 2 ed. Dover Publications, Inc. - New York

dr. Groen, C. M. (2011). *Paintings in the laboratory: scientific examination for art history and conservation* [https://pure.uva.nl/ws/files/1576844/88989_15.pdf] (acesso em 05/12/2016)

<https://www.rijksmuseum.nl/> (acesso 01/2017)

<http://www.franshalsmuseum.nl/nl/> (acesso 01/2017)

<https://www.mauritshuis.nl/nl-nl/> (acesso 01/2017)

· *Anders Leonard Zorn* - pintor, gravurista (1860, Mora / 1920, Estocolmo - Suécia)

· *Arlindo Silva* - pintor, professor (1974, Figueira da Foz - Portugal)

· *Frans Hals* - pintor (1582, Antuérpia - Bélgica / 1666, Haarlem - Países Baixos)

· *George Hendrik Breitner* - pintor (1857, Roterdão / 1923, Amsterdão - Países Baixos)

· *Hendrik Willem Mesdag* - pintor marítimo (1831, Groninga / 1915, Haia - Países Baixos)

· *Jacob Hendricus Maris* - pintor (1837, Haia - Países Baixos / 1899, Karlovy Vary - República Checa)

· *Johannes Vermeer* - pintor (1632-1675, Delft - Países Baixos)

· *Käthe Kollwitz* - gravurista, escultora, pintora (1867, Königsberg - Prússia / 1945, Moritzburg - Alemanha)

· *Matthijs Maris* - pintor, gravurista (1839, Haia - Países Baixos / 1917, Londres - Reino Unido)

Instinto Da Primavera:

A pintora da cor

O sol volta a esquentar e alegre à todos. Os passarinhos começam a cantar e as gaivotas acham seus pares. A vida ressurgiu, as cores voltam a brilhar. O Sr. verá que as minhas pinturas até agora, por coincidência ou não, remetem ao inverno: cinzentas. Realmente percebi que meu fundo negro de marfim rebaixa as cores após a secagem. E, como estou pintando “alla prima”, dificilmente volto para aplicar novas camadas.

A novidade são os fundos ocre. Trabalho sobre eles no momento, me agradam, pode ser de fato o que preciso. Mas, tenho dificuldades com fundos claros na construção das imagens como já expliquei ao Sr. Quanto as cores que tenho usado, o momento e o lugar constroem uma paleta. Devo ter paciência. Se eu refletir, a chegada da luz pode tanto iluminar como apagar, não só revela imagens. De onde nasce a cor que esquentar, que acalma, que esfria, que enfurece e que também equilibra? A cor é pessoal? A cor pertence, e é nesse íntimo momento que florescem os resultados.

Será que o pintor deixa-se colorir? Todas as anteriores etapas existentes ao prego na parede... essas são a verdadeira pintura. Aflições e terríveis cobranças internas e externas transformadas num contentamento quando o pretendido foi sutilmente conquistado. A surpresa e o acaso se somam, é assim normalmente, após erros, seguem os acertos. Trabalhar e trabalhar diariamente. Ter disciplina, é isso que a menina Daniela faz! Puxa, se eu reclamo das cores é porque sou um preguiçoso!

Inspiração encontro a três metros de mim no atelier. É uma explosão de determinação. Pessoas como ela voam rapidamente. Se quiseses vê-la feliz, veja-a a pintar! Melhor do que tentar defini-la – ela e sua pintura – encontro em seus caprichos que fazem dela, ela, por si só. Por exemplo, o seu gesto costumeiro de limpar suavemente seu pincel de pêlo de texugo no seu ombro direito, e em seguida, com o pincel novamente acaricia seu

próprio rosto. Peculiaridades que criam obras. Muito além dos planejamentos geométricos iniciais são as cores e seu instinto que determinam o surgimento das formas em suas pinturas, sua harmonia e equilíbrio tonal final que produz emoção contemplativa. Solitária, quieta, joga o jogo entre si, enquanto o relógio devora as horas do lado de fora até pintora e pintura sorrirem uma a outra.

Pode-se imaginar Sr. Esteves no meio de um labirinto? Pois bem, a estratégia desta pintora para a liberdade (pintura tem a ver com liberdade) são diagonais, verticais, retas, sobreposições, transparências, opacidades, brilho e muita fita-cola! Ultimamente muita ousadia! Segura, aparenta não estar perdida. É sempre vibrante. Gosta realmente de pintar. Gosta tanto, como gostam as gaivotas de voarem todos os dias sempre em direção ao pôr-do-sol, um último instante de luz, um último instante de calor. A noite há de chegar a brilhar. As estrelas deixam seus olhos a descansar para que no outro dia possa dar novamente vida a todas as suas cores. Voar a cantar pelas correntes invisíveis do ar. Que vista! Pintar no princípio com a chama que dá existência. A cor com o se descobrir. Cobrir o rosa e achar o laranja ideal supre a necessidade (de Daniela) de se revelar - “Pronto, terminei.” Satisfação é uma batalha. Que busca incansável! Disse-me que adora Turner, tenho a certeza que é por isso que também adora ver o mar.

Não quero prolongar-me demasiado Sr. Esteves. Essa pintora ensina-me cor. Ensina-me a resgatar a disciplina tão crucial para o trabalho artístico. Deixa-me alegre. Às vezes, corro o risco e olho profundamente a sua íris e encontro lá suas matizes projetadas ao linho. Tenho aprendido a pintar assim Sr. Esteves.

Deixo meu caloroso voto para que juntos saibamos lidar com este sentimento, entre céu e mar. É uma bela paisagem.

S.

4 de março de 2017

· Daniela Pinheiro - pintora (1994, Leiria - Portugal)

Na Ponte:

Traduções entre autobiografia e autorretrato (ou, Os Serás)

“Introdução ao afastamento – Algemas nos pincéis”

Sr. Esteves, preciso é pintar! Mas, não esqueço jamais a importância da obra escrita de van Gogh nas suas cartas trocadas com seu irmão Théo. Majestosa contribuição, intimidades, escritas pelo pintor. Para mim, escolhemos determinada linguagem por sinceridade e verdade, capaz de exprimir nossos relevantes conteúdos, como fez van Gogh em suas cartas, em seus desenhos e pinturas. *Cartas a Théo*,¹ funciona como uma bíblia de artista.

Afirmações!? O corpo da pintura ergue-se como uma casa. Nossa casa! Chamo a atenção, e que esta seja a visão que habite sempre por outras casas destinadas ao aprender em pintura. Imagens, sempre imagens. Quando lemos e sonhamos... vemos imagens.² Há que considerar o estímulo e o aperfeiçoamento por outras linguagens e suas integrações, afinal, quanto mais aprendemos, melhor. Porém, não me afastarei dos pincéis! Os fantasmas sociais que rodeiam estão sempre a querer afastar o artista da essência de sua obra, de sua matéria.

O presente só tem forma porque foi construído no passado. O contemporâneo, por vezes, é um roubo descarado do passado. Enganamo-nos em considerar que tudo produzido atualmente é novo. São tantas ideias e conceitos que o principal deixou de existir: a obra (a mão na massa). Faço parte do contemporâneo e me contamina por ele. Deixamos de admirar, contemplar, como tanto tenho falado ao Sr. A arte, a meu ver, busca a serenidade, e parece-me estar a se afastar desta virtude. Vim a Portugal atrás da Pintura, estudar a Pintura, e despediram quem ensinava a Pintura. Pintor. Seria preferível se os nomes das coisas não se desviassem de seus significados originais. Cobro-me dedicação, sou teimoso, esforço-me. Reconheço com gratidão o conteúdo oferecido

e do que tenho aprendido. Apenas, penso ao fato deste conteúdo estar por vezes distante do princípio, da Pintura.

Da mesma forma que van Gogh não se deu bem com a oratória (fato impessoal) e escolheu a pintura como meio (mesmo com as dificuldades), considero que o ato de pintar, para um pintor, é o que realmente ele deve se dedicar. Por uma troca recíproca entre nós, vale abrir meus olhos perante minhas condições e de onde atuo.

Um abraço caloroso, daquele que é novo na pintura, e que agora se arrisca com as palavras.

S.

“Os Serás”

Explicar o inexplicável, ou, explicar uma linguagem através de outra. Não será melhor usar a mesma?

Explicar a necessidade de pintar por palavras. Não será melhor pintar? Será necessário explicar a necessidade? Será necessário explicar o que passamos a vida inteira a procurar explicações?

Será que a necessidade das explicações é a falta de necessidade?

Não seriam todas nossas ações autorretratos de nossa existência?

Será que devo separar escrita e pintura? Será que as duas juntas não são a mesma coisa em linguagem diferentes? Ou são?

Será que a autobiografia não é a mesma coisa refletida em meus autorretratos, em meus retratos, em minhas paisagens?

Será que a autobiografia não é um todo?

Será que sou você, ou você, seja ou não seja eu?

Será que todos não somos uma mesma e única autobiografia?

Será que precisamos separar de vez de unir? Unir para separar?

Ou será, que os serás, servem apenas como a maioria de tudo que continua sem resposta?

Será que não buscar a resposta seja realmente o que nos dá a resposta? Porque será que insistem em perguntar sobre as razões se já sabem que

as razões são um conjunto de inexplicações?

Porque será que mesmo acreditando na individualidade de identidade, ela não nasce de uma unidade?

Porque será que existe a ambiguidade? Será que existe para existir o equilíbrio?

E se não existisse o existir nem o inexistir?

O que Seria Ser, Seria?

Somos, Sr. Esteves, esta formiga que passa por cima desta folha de papel na qual escrevo ao Sr. Já fomos. Andamos juntos por todos os cantos e encantos de nossos infinitos tempos. Nos perdemos e nos achamos constantemente em todas as direções. O que sempre nos movimentou foi o instinto. O instinto creio ser algo que se forma a partir das aproximações, aproximações pelas pessoas, aos animais, a natureza, por onde pisamos. Perfumes espalhados pelo ar. Reparo que o instinto tem a ver com alimento. Reparo que este perfume, independentemente, conecta-me com van Gogh em seus relatos angustiantes de solidão, amargura, a mediocridade de suas situações, e a certeza de um futuro também medíocre, comparado aos meus 31 anos e minha sufocante situação diária em economizar moedas. Ser artista? O que é ser artista? Nada mais que um artista é: um gesto egocêntrico, uma escolha repleta de sofrimentos. É no seu interesse pelas pessoas e pela natureza que sigo seu perfume retratado em suas cartas e nas suas obras. É na sua maneira pessoal e na sua franqueza em retratar suas experiências que me perfume, na sua incapacidade de lidar com o problema financeiro, no perseguir artístico que causa conforto sentimental. Somos uma pura ilusão...

Novamente há uma chuva de gaivotas em direção ao mar. Aqui é onde o sol se anda a esconder. Atrás desta linha do horizonte acontece o invisível, a matéria poética de *Cartas a um Jovem Poeta* de Rilke, da qual aproprio-me para uma autoanálise. Repare, Sr. Esteves, que tateio essas referências porque navegam pelo desejo de permanência poética, por certo empirismo, esta autoanálise sempre desconfiante dos próprios sentimentos, que gera a projeção de identidade com a própria obra.³

Enigmas que por muito tempo cavei na xilogravura e agora o mergulho na pintura. Revelações somente aos que praticam.

“Ver” e “olhar” são palavras e ações distintas com níveis essenciais opostos. Quem olha não vê, e quem vê não olha. Geralmente a utilizamos com o mesmo sentido. Talvez, uma razão essa para qual considere traduzir em imagens o conhecimento - a xilogravura, a pintura. Ver. A esperança do outro por respostas das minhas escolhas é um equívoco. Mesmo nesta tentativa, agora, de descrição, de explicação, confundo a mim mesmo. Quem é que tem certeza de alguma coisa? As certezas são momentâneas, não são Sr. Esteves? A busca pela sabedoria através da autocompreensão - obrigado Senhor Hesse pelas pistas oferecidas.⁴

O desafio foi-me lançado outra vez, das razões da existência é superação. Escrever novamente, teorizar a prática, e pra isso acontecer é necessário tirar do tempo previsto do pintar. Volto a repetir que tudo isso que escrevo ao Sr. almejo está contido em minhas imagens. Às vezes penso que mato a possibilidade do trabalho ir além, por ele mesmo, na insistência de sua contextualização.

Ao que eu atento, numa conversa que o artista João Queiroz diz sobre sua busca na relação do corpo fora e dentro da paisagem,⁵ atento também, desde o princípio em que comecei a dedicar-me no aprender artístico: a supração através da natureza na vida. Podemos evidenciar tal preenchimento no trabalho do artista inglês Andy Goldsworthy. O meio e a técnica diferem, a procura é semelhante.

Olha Sr. Esteves, todo este meu tagarelar o chateia, mas sei da importância e das flores que por isso brotarão. Não sou digno da sua atenção. Há muito o perturbo com indagações confusas. Veja como as coisas são: critico tudo isto, ao mesmo tempo, um livro de poemas é a principal referência ao meu trabalho. E, nesta arbitrariedade, convoco as canções em *Folhas de Erva* para me confortar a espelhar a poesia de Walt Whitman com a minha:

*E de cada um e de todos eu teço o canto de mim mesmo.*⁶

Tem coisas que lemos que nos dão o sentido de irmandade, na relevância das importâncias. Tenho a noção que este livro exerce tamanha influência neste momento, ele me conforta de tudo o que acontece em meu país, do que acontece aqui comigo, de tudo que vem acontecendo no mundo. Quando escrevo estes sopros pessoais eles são autorretratos, são meus retratos e minhas paisagens, são meus duplos, porque levam a mesma essência.

Já é tarde, e conforme minha vó me disse uma vez - “uma noite perdida de sono jamais retorna”. Paz Sr. Esteves, é um estado que o mundo e nós estamos precisando atualmente.

S.

Maio de 2017

1 | *Idem* van GOGH, Vincent (2002)

2 | *Idem* WHITMAN, Walt (2002), p.25-29

3 | *Idem* Fernando Jorge in RILKE, Rainer Maria (1967), p.9

4 | *Idem* HESSE, Hermann (2013)

5 | SILVAE, João Queiroz. *Ao que eu atento*. João Queiroz em conversa com Bruno Marchand. Culturgest, 16. Out. 2010 – 9 jan. 2011

6 | *Idem* WHITMAN, Walt (2002), p.91

+

BONIFÁCIO, M. Fátima (Outono de 1999). *A narrativa na «época pós-histórica»*. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. *Análise Social*. Vol. 34, Nº 150, p.11-28

RODIN, Auguste (1922). in *Histoire générale de l'Art Français, de la Révolution à nos jours*. André Fontainas et Louis Vauxcelles. F. Sant'Andrea, L. Marcerou et Cie - Paris

SILVA, Agostinho da (1945). *Sete cartas a um jovem filósofo. Seguidas de outros documentos para o estudo de José Kertchy Navarro*. Edição do Autor

WHITMAN, Walt (2002). *Folhas de Erva* – Vol. II, Relógio D'Água Editores - Lisboa

O SAL DA TERRA (2015). Uma viagem com Sebastião Salgado. Direção: Wim Wenders e Juliano Salgado. Decia Films - Brasil, França, 1h50min
RIVERS & TIDES (2002). Andy Goldsworthy Working with Time. Direção: Thomas Riedelsheimer. Mediopolis Film, und Fernsehproduktion - Alemanha, 90min
<http://www.scielo.mec.pt/scielophp?script=sciarttext&pid=S0807-89672012000300005> (acesso em 10/05/2017)
<https://www.wdl.org/pt/item/9687/> (acesso 16/05/2017)
<https://www.wdl.org/pt/item/9688/> (acesso 16/05/2017)

· *Andy Goldsworthy* - escultor, fotógrafo, ambientalista britânico (1956, Cheshire - Reino Unido)

· *Rainer Maria Rilke* - poeta (1875, Praga - República Checa / 1926, Montreux - Suíça)

O Lugar Dos Meus Silêncios:

Breves visões do mar ao redor da Capela Senhor da Pedra

Novamente tua brisa Miramar.¹ Hoje faz imenso calor no Porto e esses dias ensolarados estendem-se até às dez. Poderei estar ao seu lado por mais tempo, logo chego, já estou a caminho. Tanta gente com e sem destino a entrar e sair pelas estações. Aos encontros, ao meu encontro.

Sr. Esteves, levantei-me e disse para comigo: preciso tomar um banho de mar. Convidei-a, mas quem me acompanhou foi a solidão. Isto não é mau. Gosto de estar sozinho, com o Sr., no silêncio, de frente à horizontes.

O comboio a partir, vejo acima nuvens caprichosas a chorar, mas ainda distante esta água cairá. Um bonito céu e mar, um do outro. Um céu pintor, um mar escultor. As variáveis de um deus filho da própria natureza, hoje mesmo, mesmo, cobalto.

Ouçó memórias de uma estranha a reconhecer rostos de passagens e imagino a própria percepção que embriaga meus sonhos. O Douro que reflete a sombra da cidade, o sol toca meu rosto e descanso. Estou dormindo acordado. Muitos rostos, interessantes quietudes.

O comboio abandonado, os trilhos já não o pertencem. Será que a velhice é um abandono? Meu próprio reflexo na janela desconheço, essas nuvens e esses mares que dissolvem e oferecem-me o espetáculo. Há cobrança deste exército a marchar, solúvel, salubre, a minha curiosidade seguindo o mesmo vento. O clima a mudar.

Pergunto-lhe Sr. Esteves se já viu tais verdes e tais azuis tão sagrados? Tal maestro de tamanhas sinfonias e sintonias? Veja este mar, pergunto-me que obra humana banhou-se desta intimidade? Vêm a mim caravelas, as suas carcaças cuspidas, engolir e vomitar os grãos secretos

das interpretações pictoriais do meu mar-céu. Tudo pintado, em movimento, sopra e sopra sem parar nas minhas e suas profundezas.

O gosto da imagem do mar visto com os pés na areia... não se assemelha a experiência de sua navegação. O meu mar é de montanhas, por cá, já as atravessei. A construção de um lar na montanha ou no mar? - sim, em uma bela montanha, com os pés no sal e as mãos no céu.

O sol está a três dedos da linha da gravidade, um guri brinca ao saltar de uma rocha a outra e a onda estoura em estrelas. O sol já vai às treze essa noite. Não há de compreendê-lo Sr. Esteves, nem mar, nem céu, nem o Sr. De frente vim desenhá-lo, não é de agora que insisto. O carvão explode no papel e tenta acompanhar o ritmo, tão ancião, continuamente a decifrar a existência. Preciosa contemplação, o momento mais puro que me permito ter. Não existe o outro. Este cheiro, esta música que toca, esta paisagem é para todos. O momento me pertence, sozinho, no olhar de uma gaivota.

Aprecio muito a senhora horizonte na união do desaparecimento. Tenho a pintura perfeita. A Capela vista para o norte, o laranja pôr-do-sol, o cair-noite, o cair-som do mar, a Capela é uma lenda num azul cinzento, magenta, laranja, amarelo, lilás. Mas, já ali na pedra dos cavalos as ondas agressivas numa escuridão como tiros de canhões.

O crepúsculo descansa os olhos, respiro, sinto o pulsar. Este estado o qual, por vezes, me acompanhou na minha produção, agora, distinto. Uma agonia cresce imenso dentro de mim, semelhante a uma doença que aos poucos destrói. Continuo a apreciar, no entanto a insatisfação com tudo que produzo tende a crescer. Jamais tive a mão a tremer, como treme agora. Jamais perdi tanta confiança que agora. Jamais me apaixonei tão rapidamente como agora. E, jamais, tive tantos confusos aqui dentro como agora. A sinfonia transformou-se numa balada, até tenho dúvidas quanto à minha paciência.

Estou aqui a pensar nesse som hipnotizante, nesta espuma que já var-

reu tantos pés por tantos anos ainda a salgar a contradição do aparecimento das garrafas mensageiras. Aproximação e distanciamento, ponto de vista privilegiado: o que quero e o que não quero revelar? Agonia que desenhou por mim uma série estadual de retratos e paisagens a carvão. Meu rosto fantasma a mim mesmo, uma jornada em busca do vazio. E, as nuvens, questionam-me o passar, nosso passar Sr. Esteves. Perdi o brio da juventude? Tudo é tão racional!

O caminho solitário do ex-soldado nu, apenas com seus calções, descalço a caminhar a lugar algum por uma praia silenciosa no nordeste de um país abençoado. Viu dois pescadores com suas habilidades a jogar tarrafas, os mais bonitos peixes surgiram a brilhar. Recebeu desses deuses negros queimados pelo sol um inesperado apreciar, o sabor de seu destino a tornar-se o dia mais especial da sua origem. O estranho deu-lhe um presente sem luvas, e na escuridão, o homem nu retornou com destino definido. Durante encontros imprevistos entre nós em Miramar, minha inocente pintura foi capaz de aproximar-nos. Sentiu-se confortável e contou-me junto ao mar a história mais bela de si. Velho e novo estranho amigo.

Poderíamos agir juntos levando correntes de calor aos lugares frios, assim como as correntes marítimas fazem. Os territórios-identidades atmosféricas, a vida concebida pela intensidade de luminosidade, a primavera nutricional a todos os seres e a afirmação da existência totalizada. Todas as cores absorvidas e o azul atravessando, ao longe, o mar azul.

Boa noite Sr. Esteves.

S.

Junho de 2017

1 | *Miramar* (praia em Vila Nova de Gaia, Portugal. Clima “temperado marítimo” ou “oceânico”, ventos vindos do oeste húmidos e frios. É nesta praia onde localiza-se a Capela do Senhor da Pedra, erguida sobre um rochedo de “costas ao mar”, em 1686)

+

GIANNETTI, Eduardo (2016). *Trópicos Utópicos: uma perspectiva brasileira da crise civilizatória* – 1ª ed. Companhia das Letras - São Paulo

A CAVERNA DOS SONHOS ESQUECIDOS. Direção: Werner Herzog. History Films - França, 95min

http://dev.igeo.pt/atlas/Cap1/Cap1b_2.html (acesso 15/06/2017)

Autopaisagem:

A nebulosidade descrita dos rostos

No meu silêncio Sr. Esteves. Nas cortinas, das minhas máscaras, o que está oculto em minha constituição formada pelos anos, eu criança, eu animal, o amadurecimento de viver, o que perdi, o que deixei passar, o que me espera, a busca equivocada constante pela felicidade e liberdade, pelo prazer que me chega e embora vai, explicar o desconhecido pelo conhecido, os pensamentos absurdos ou pecados que o universo se importa não. A eterna busca ao nascimento. O autorretrato para adentrar nas dúvidas e respostas da (r)ex(s)istência, para afirmar ou negar posicionamento. *O retrato como paisagem interna, meus fantasmas. O retrato além dos olhos.*¹

Roubar. Percorrer com o olhar e as mãos sobre os rostos. Tocar os detalhes. Posso sentir a temperatura, a textura da pele, os pêlos, as nuances, os relevos, as formas. Os cabelos assemelham-se a muitas coisas, a possibilidade infinita de seus movimentos, de seus embaraços, dos seus inúmeros pontos de brilho, seu cheiro levado pelo ar. Os olhos, a imersão e hipnose de uma dimensão que parece-me não ter um fim. *As mãos algo querem revelar também.*¹ Fascino-me. Me fascina a diversidade, a impossibilidade de igualdade entre rostos, entre pessoas. Fascina-me essas individualidades que todos carregam em si. As identidades, que existem pelo todo, mesmo assim particularidades. Me fascina aproximar-me desta intimidade e transformá-la numa nova imagem. Comove-me o outro. Me comove contemplar. A face carregada de gerações, vivências e anseios, carregadas de desejos, passados, sonhos, amores, prostituições, dúvidas e certezas momentâneas. Assim com o outro, comigo assim.

A sensação fisicamente viva. Combustível que preenche e completa, que substitui a falta ou a perda. Respirar! Sair da zona de conforto, confrontar a natureza e a meteorologia. O se reconhecer perante ma-

jestoso mar. Instantâneas nuvens e ondas a abrir-esconder horizontes. Aonde cheguei? - a paisagem presente aprisionada a libertá-la. A insatisfação corrente de viver na cidade. O Fugir das pessoas, estar sozinho, preferir encarar as estações, ocasionar uma performance física: o cansaço físico é gratificante, o intelectual não. A atração ao desconforto, à procura da paisagem interna perfeita. Em plena migração, acompanhar e estar presente, sentir sua transformação constante. Abastecer para o próximo dia. Por onde habito, o que trago de nós.

Infinitos descobrimentos, infinitos desdobramentos, filtrar e abstrair. O envolvimento com a matéria retratada, o contato direto torna-se relevante. Contudo, continuo na carência de certezas. Poderão as nossas experiências pessoais formar a história? Quem se importa com a história do outro? Não serão nestas aproximações íntimas que juntos crescemos?

Uma boa noite ao Sr.

S.

Numas noites de 2017

¹ | Soprado por Arlindo Silva

O Amigo E A Capivara: Atribuir um significado

Sr. Esteves,
Divido com o Sr. boas palavras do nosso notável amigo.
Com satisfação,
S.
Entre 30 de agosto e 1 de setembro de 2017

Gostou?

Yvens: Confesso que de pronto não. Mas fui procurar o porquê de eu não ter gostado nesse primeiro momento. Um, o site não ajudava. Achei as imagens pequenas e sem muita informação. Dois, as cenas em si estavam me dando um sentimento de vazio, quase que como se não tivesse nada retratado, como se fosse tudo branco ou tudo preto. Interessante, porque pelo que eu consegui ler depois, e fazer a relação da existência dessas cenas, achei foda. O Hans¹ nasceu em 1961, fez a faculdade com 25, se formou com 30. Tanto a época quanto a idade dão uma densidade diferente no olhar fotográfico. Uma coisa que pesquei dos textos de apoio que estão no site (entrevistas ou monografias que o citam) é que, diferente do que eu pensei em um primeiro momento, ele espera o momento certo do clique. Só aí há uma diferença grande entre quase tudo o que é feito hoje digitalmente. Depois, há um forte pensamento em relação à imagem em si, o que eu achei fantástico e que ironicamente me deu o sentimento de desconforto, que é o de não se colocar na foto. E ainda que seja um consciente coletivo de que a foto e seu enquadramento seriam uma forma de expressão e por consequência um recorte da realidade, ou seja, uma visão subjetiva do autor, eu acho que ele consegue a proeza de mostrar mais que uma imagem, mas uma realidade crua, sem um valor preconcebido ou adicionado. É o objeto sem o adjetivo. É a existência acontecendo sem precisar ser explicada. Ao mesmo, essa existência é artificial,

pois, sejam as formações naturais ou os animais que estão nelas, ou todas essas estruturas de concreto e suas características arquitetônicas, tudo isso é decorrente de pelo menos uma presença humana, que nunca está presente nas fotos. E essa contradição é realmente o tempero das fotos. Em uma das monografias, é relatado o desenvolvimento tecnológico e seus efeitos para a fotografia que temos hoje, e como consequência, a popularização do aparelho fotográfico. Interessante notar que é levantado nesse texto, sucintamente, mas como é de costume, o tema da ocasião da foto em relação à pintura e vice-versa. E ele observa que o seu modo de fotografar seria uma “pintura de viagem”, que é totalmente paradoxal. Porque a foto de viagem de pessoas comuns tem como objetivo a recordação de um marco, em sua maioria, já conhecido previamente em seu imaginário. E tem um status de memória com a finalidade de registro para ser mostrado aos que não viajaram junto, ou seja, alguém com uma bagagem imagética de senso comum, uma vez que a tecnologia de mídia e a globalização nos deu essa concepção de imagem desses lugares ou pessoas. Traduzindo, é esperado que a foto tirada se pareça com tantas outras para que possa ser reconhecida por outros. Já no caso da pintura, teria-se, pela própria característica da atividade, a subjetividade intrinsecamente atrelada à técnica, que tem valor diferencial, e qualidade de imagem discutível, inclusive no que concerne à identificação do tema. Curiosamente, o jeito que ele desenvolveu isso qualifica a imagem ao mesmo tempo que causa um estranhamento. E essa busca por esse mote e a experimentação que subvertem a técnica ou os motivos em si (como em ‘LA.Night’ ou em ‘1h’) me fizeram rever minha primeira impressão. Resumindo, curti. Valeu, carinha! Não sei como você chegou nele, mas é uma baita referência boa!

Me fez pensar também que antigamente você me falava, ou pelo menos eu entendia assim, que era necessária uma fidelidade do objeto ou retratado no desenho. Mas conforme passou o tempo, vi você se interessar mais pela luz que as coisas emitem. E as coisas emitem e omitem várias luzes, porque a luz e a percepção não são inatas ao objeto, e as formas que são reveladas são as formas possíveis de um objeto, desde as mais convencionais até a formas que só um olhar singular entende. Quando

você me relatou que estava pintando sem os óculos, e estava obtendo imagens que considerava mais interessantes ou mais fiéis, acredito que seja algo similar às fotos do Hans. É uma pequena subversão, mas que dá valor subjetivo e artístico ao objeto ou paisagem comum e amplamente conhecido. Há nesse exercício do artista a qualidade de poder ser aquilo que se é e divulgar mais uma possibilidade aos outros olhares. Esse conjunto de olhares dá massa e volume ao que a gente (?) ² de realidade. À arte incompreendida ou nova ao olhar, dizemos que é irreal/surreal/ ou de outro mundo. Leva um tempo até chegar ao ponto de outras luzes revelarem as facetas que preenchem os vazios desse modelo e serem consideradas como uma possibilidade do real.

Ao elogiar um trabalho dele, disse-me: Valeu! Tem uns probleminhas de luz, mas eu gostei também. Estou usando de papel de parede no computador. Quando não, uso a foto de uma capivara. Tenho achado esse bicho tão bonito. É estranho nas proporções ou na bestialidade física, de patas e dentes exagerados em um corpo enxuto, mas ainda assim, tem um semblante pacífico. De novo, é a forma desprovida de significado, é na percepção das intenções da forma que se atribui um significado, se determina uma razão (por vezes falha, mas válida, pois não é menos real que outras).

1 | <http://www.hc-schink.de/> (acesso 8/2017)

2 | (Palavra perdida)

· Hans-Christian Schink - fotógrafo (1961, Erfurt – Alemanha)

· Yvens Giacomini da Silva - artista multimídia, designer, fotógrafo (1987, São Paulo - Brasil)

A Impermanência Das Coisas
seguida de **A Noite Antes Das Caravelas:**
Um novo colonizar

Caro Sr. Esteves,

Estou distante, distante mesmo. Algo se foi para nunca mais voltar. Se foi a minha querida e não pude dar adeus. Procuro numa noite estrelada e a ela desejo que habite aquela que mais brilhar. Fiquei furioso comigo mesmo e jamais havia sentido um sentimento de culpa tão forte! Pensei que daria tempo ainda de vê-la, mas o tempo é veloz e não se importa nada de transportar almas para lá e para cá. O Tempo, este senhor não tem sentimentos, não tem alegria nem tristeza, ele apenas move-se e move-se. O Tempo não se importa comigo nem com ninguém. O Tempo nem existe, porque se existisse atenderia meu coração... e aguardaria, com calma, meu retorno.

Queria poder ainda olhar em seus olhos com vida e sentir seu cheirinho, pois como ela nada foi tão carinhoso e amigo. Ela deve ter cruzado os céus naquelas cadentes, não mais para cá. Aonde quer que esteja irão comemorar. Explorar o universo, uma viagem sem fim. Pinto o mar, o mesmo mar no qual mergulhamos juntos, o mesmo que nos trouxe pelas ondas, o mesmo mar que nessa era deixou-nos emergir para respirar e pisar. Sinto muito minha querida, falhei. Passei dias a sonhar com nós dois a brincar e o Maik a pentelhar.

*Falhamos sempre quando falamos do que amamos,*¹ e perdemos sempre aquilo que amamos. Um pedido de desculpa, minhas lágrimas sinceras de um sentimento humano. A desculpa vem da culpa. A dor do saber que falhei é maior que a dor da perda, pois no fim, tudo se perde e segue o caminho que tem que seguir. Restam-me as memórias de uma amizade carinhosa, amorosa, e a certeza que nesta vida fui premiado por ter ao meu lado um ser tão especial. Talvez sejam essas

ocasiões de maior tristeza na vida - as melhores ocasiões para testar nossa fé.

Coração de outono em cinzas. O inverno chegará e tudo novamente irá reprimir-se por aqui. Esta foi a minha escolha - *I am the master of my fate,*² e o preço da escolha sou apenas eu é quem pago. Só quero poder dormir, apagar-me, e encontrar lá além dos sonhos um lugar desconhecido reservado ao encontro dos amigos.

S.

1 | BARTHES, Roland (1984). O rumor da língua. Edições 70, Coleção Signos 44 - Lisboa, p.260

2 | *Fragmento do quarto de uma série de poemas intitulados 'Life and Death' de William Ernest Henley*

· Roland Barthes – escritor, crítico literário, semiólogo, sociólogo, filósofo (1915, Cherbourg / 1980, Paris – França)

· William Ernest Henley - Poeta, escritor (1849, Gloucester / 1903, Surrey – Reino Unido)

A Noite Antes Das Caravelas

*Nada a ver para crer em tudo.*¹ Ao pôr-do-sol, no meio de novembro, a última luz acontece atrás do Senhor da Pedra e contorna as cristas das ondas. Se for um dia de pleno céu azul livre de nuvens, os raios solares partem do centro alaranjado numa circunferência, entre azuis e laranjas, os halos dispõem d'um céu inteiro à expandir e dissipar. O mar torna-se roxeado e as espumas azuis-acinzentadas. A sudeste o violeta deita-se sobre o sal, os verdes começam a manifestar-se até o limão-luminoso e desaparecem com a recém atuação dos vermelhos e rosados.

Uma risca azul-cerúleo delimita o que já não se identifica quão céu e mar. As estrelas descem par'água a prateá-la. Cores arco-íris ao sul e horizonte-ouro a um-quarto-para-seis. O mar gravado em toda superfície do planeta. Já o fomos e ainda o somos. Testemunhar a pele, testemunhar aos olhos, a anatomia do mundo construída por uma onda. Do início ao fim o humano semelhante temperamento, altas e baixas marés, ondas a explodirem contra rochas, contra si mesmas. A onda primorosa que revoga passado e futuro num túnel de vazio e silêncio. O mar gravado na testa deste senhor a minha frente e nos negros olhos da criança a adormecer. Ele que nos envolve por todos os lados, sem fronteiras, toca e une todos os povos e nações.

Neste novembro noturno a pintar, beira-mar a 5°C. Neste azul-marinho imenso e profundo a maré desce, as rochas revelam-se, venta e minhas mãos congelam. A noite é serena e é na escuridão que eu vejo a singularidade das cores. *Fechemos os olhos para ver.* ² *Quando ver é perder... Coisas para ver de longe e tocar de perto, coisas a desejar ou a não poder acariciar. Obstáculos, mas também coisas de onde sair e onde reentrar.* ³ Assim, *abramos os olhos para experienciar o que não vemos.* ⁴ A Terra gira, a luz do sol refletida pela lua ilumina, e *é quando experimentamos a noite em que todos os objetos se abstraem e perdem a sua estabilidade visível, que a noite nos revela a importância dos objetos e sua fragilidade essencial, ou seja, a sua vocação de se perderem diante de nós exactamente no momento em que nos são mais próximos.* ⁵ A noite (es)fria... Sr. Esteves.

Meu esforço físico é um refresco aos pensamentos. Carregar a mochila com todo o material, o banco, o cavalete, a tela no suporte de madeira... a adorável sensação de fechar a porta de casa e com ela as sociais responsabilidades, os dogmas dissolvidos. Aliviado, impulsionado e pronto para a aventura! Um simples explorador, daqui em diante nada tem peso algum. Tô feliz, receptivo, tudo torna-se novo, e *o que dá sentido a minha conduta é sempre uma coisa completamente desconhecida.* ⁶ A tudo e as novas e aos novos, ao que acontecer entre céu e mar seguirei seu chamado. Não existe melhor tempo que agora. Nunca o ontem

e o amanhã foi tão real como o presente dia de hoje. Renascer. Lido com uma matéria que jamais havia provado de seu paladar. A minha felicidade é inalcançável e convido a todos a marchar por onde marchou, *a enxergar através dos meus olhos imagem que atravessa imagem.* ⁷ O que é da minha felicidade se não for sua também? Incansável imagem metafísica, exibida matemática geométrica da natureza. Rítmica, nunca a mesma. *Uma tentativa de aprisionar a água com as mãos.* ⁸ Pintar, desenhar, gravar por uma experiência física, sensitiva de viver. Basta de sobreviver! Talvez, nesses momentos, haja alguma liberdade.

Afinal, penso, que concordamos que o que deve permanecer é a fraternidade em nossas ações. A Pintura acontece pela fraternidade, no plural. Que cada um de nós existe pelo todo, que nossa pintura só existe pela pintura do outro. Aliás, só escrevo agora porque alguns portugueses resolveram a quinhentos e alguns anos atrás cruzarem o Atlântico em uma caravela, bem como há 60 anos, um menino de 6 meses partindo da Madeira cruzou o próprio oceano em um navio unido aos seus pais. Hoje, tal portugueses, tal menino, navegam em oceanos que desconhecemos, ainda. Há de conhecê-los!

Sinceramente não sei responder por qual motivo especial vim parar aqui. Talvez, seja o mesmo desses portugueses navegadores, talvez seja por outros, talvez seja por muitos. Ou, talvez, seja por você.

Estar Sob O Som Das Gaivotas é estar e habitar o outro. Assim, desejo-lhe muita paz e serenidade daqui para frente. Assim, desejo-lhe os melhores votos sempre. Assim, desejo também, para os que ainda não os encontrei igualável estima e a certeza que no futuro estaremos cada vez mais juntos.

S.

1 de abril e novembro de 2017

- 1 | DIDI-HUBERMAN, Georges (2011). *O que nós vemos, O que nos olha*. Dafne Editora, Coleção Imago - Porto, p.23
- 2 | *Idem James Joyce in* DIDI-HUBERMAN, Georges (2011), p.14
- 3 | *Idem* DIDI-HUBERMAN, Georges (2011), p.16
- 4 | *Idem Stephen Dedalus in* DIDI-HUBERMAN, Georges (2011), p.15
- 5 | *Idem* DIDI-HUBERMAN, Georges (2011), p.80
- 6 | KUNDERA, Milan (2015). *A Insustentável Leveza do Ser* - 6ª ed. BIS, p.154
- 7 | *Soprado por Arlindo Silva*
- 8 | *Soprado por Francisco Laranjo*

- *Francisco Laranjo* – artista plástico, professor (1955, Lamego – Portugal)
- *Georges Didi-Huberman* – filósofo, historiador, crítico de arte, professor (1953, Saint-Étienne – França)
- *James Augustine Aloysius Joyce* - romancista, contista, poeta (1882, Terenure – Irlanda / 1941, Zurique – Suíça)
- *Milan Kundera* – escritor (1929, Brno – República Checa)
- *Stephen Dedalus* - é o alterego literário de James Joyce

Culto:

Na natureza com os próprios pés

O estado de desvanecer. A gaivota mecânica que sobrevoa o Atlântico a 11.192m, a -60°C, e a 860km/h não é párea para as pressões que a sacodem. O homem nasceu mesmo para ter os pés na terra. A lógica se inverteu e o céu desceu.

O Brasil visto de cima, imensidão de mar verdes de montanhas. E é colado a uma dessas montanhas no qual cresci e vivem minhas raízes que são tão boas para comigo que teria que renascer algumas vezes para retribuí-lhes tudo que fizeram e continuam a fazer por mim. Tive a sorte de ter dois pais e duas mães. Um pai já se foi há alguns anos e ao contemplar o mar *a onda traz consigo as desovas e o sargaço de uma memória enlutada.*¹ (Em uma época onde a felicidade e liberdade de meu pai era simplesmente pela manhã sentir o vento e a estrada com sua moto rumo ao Guarujá, atravessar a balsa, tomar um café-com-leite e comer uma média com manteiga pelo caminho).

A liberdade e o desapego Sr. Esteves. Respirar, escutar a música de todo um dia. Os versos, os bons versos. *Écrire, c'est rompre ce lien. C'est en outre, retirer le langage du cours du monde.*² Pintar, gozar de solitude, fugir da velocidade e tais realidades, fugir da morte do mundo.³ Mas, o que é real? A morte, essa sim tenho a certeza! Toda vez que ela chega e arranca de nós um ser querido sinto a intensidade de uma parte minha apagar-se, e é neste deslizar, de apagar-se e apagar-se, que também aos poucos vou se despedindo. *A Morte não é um acontecimento da vida. A Morte é qualquer coisa que não é vivida.*⁴ Porém, dela, nem eu nem ninguém escapa.

Concebo ainda a ideia daquele homem oriental, que na arte, procura revelar o mistério da criação e por isso uma autêntica maneira de viver. Pintura, Homem e Universo fundidos, uma doutrina, até mesmo

uma espécie de crença religiosa. Não fazer uma grande arte, utilizar os meios emprestados da natureza para um estado de amor, uma disposição de espírito e uma maneira de ser.⁵ *Ao 'desenvolver' o pássaro a partir da forma do ovo, o artista seguiu o caminho da Natureza.*⁶

A sublimidade, a leveza e a pureza. Primeiro, procurar ter uma passagem nesta vida que seja significativa a mim mesmo. Segundo, que esta significação esteja na interrelação e respeito com a Natureza em especial e com todos os seres que habitam o planeta em que vivo. E terceiro, que de algum modo, minha existência não tenha sido tão inútil ao mundo, e por isso deixar obras com as experiências e visões desta morada na esperança de ser compartilhada assim como nossos ancestrais (como eu) fizeram a milhares de anos atrás. Pintar com as mãos sujas de carvão. O mesmo sentido daquele gesto e consciência ao desenhar em minhas cavernas da existência. Poderia e posso, ser e ter sido, o carvão!

A força e a perseverança na realização e a conquista do impalpável, o que por vezes acabo encontrando a persistir novamente e novamente, Tateando os corpos do mundo. Os mistérios constituídos de matéria e o que encontro em mim. *A pintura poderá ser constituída por semelhanças eficazes entre significações mudas.*⁷ Alcançar uma autorrepresentação nua no mais profundo interior onde mantém-se o calor. A sinestesia, ou, *o espirrar de impressões de uma modalidade sensorial para outra... da visão para o som e do som para a visão... representar o mundo da mente, onde formas e cores fazem as vezes de sentimentos.*⁸ Para isso, todos os símbolos e conhecimentos absorvidos são utilizados, dissolvendo-os em direção ao profundo mergulho. A obra é o caminho, não é o início, nem o final. O que permanece é a lembrança num novo corpo *(pigmentos sobre superfície)*⁹ da tempestade que me possuiu. O movimento é apenas a vontade de continuar desfrutar a vida, e é estando nu que obtemos o êxtase do prazer.

A visão é uma das ferramentas que possuímos de entrar no outro, *é o meio que me é dado de estar ausente de mim mesmo.*¹⁰ Beijar tudo e o

impossível, esta força é tão grande e na maioria das vezes entrego-me tanto a esta relação que nem me compreendo e sou compreendido. Penso na possibilidade de ser íntegro somente quando somos aquilo que ninguém nos ensinou. Será possível escapar disto? Durante a vida quando nascemos e morreremos, talvez éramos ou seremos novamente um estado iluminado. E, enquanto respirar *o que é próprio do visível é ter uma dobragem do invisível em sentido estrito, que ele torne presente como uma certa ausência.*¹¹

A formação da singularidade dá-se pela anulação de querer ser o que não somos, quando deixamos de imitar e o artista *por uma observação detida da Natureza, descobre nela qualidades nunca retratadas antes e, assim, forma um estilo original... A pintura é uma ciência e deve ser cultuada como uma investigação das leis da Natureza.*¹² E nesta tarefa teimosa estão *precisamente as perguntas para as quais não há resposta que marcam os limites das possibilidades humanas e traçam as fronteiras de nossa existência.*¹³

Na luz ou na escuridão, já não importa se o céu está acima ou abaixo do mar, o mar abaixo ou acima do céu. O que importa agora é devorar pelas entranhas essas paisagens como um monstro que acaba de emergir do oceano e arrepiar todo cenário já visto. Pincéis e tintas a correrem construindo um novo jogo de descobertas, onde pelo menos “aqui” *pouco importa o julgamento dos outros. Sr. Esteves, os seres humanos são tão contraditórios que é impossível atender às suas demandas para satisfazê-los. Ter em mente simplesmente ser autêntico e verdadeiro.*¹⁴ Somos apenas eu, você, e o monstro.

Um forte abraço.

S.

Dezembro de 2017

- 1 | *Idem* DIDI-HUBERMAN, Georges (2011), p.212
- 2 | BLANCHOT, Maurice (1973). *L'Espace littéraire*. Gallimard - Paris, p.17
- 3 | *Idem Benjamin* in DIDI-HUBERMAN, Georges (2011), p.199
- 4 | *Wittgenstein* in BIBERSTEIN, Michael (1995). *A difícil travessia dos Alpes*. Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão - Lisboa, p.37
- 5 | CHENG, François (1969). *Vide e plein: le langage pictural chinois*. Éditions du Seuil - Paris, p.25
- 6 | GOMBRICH, Ernst Hans (2007). *Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica*. - 4ª ed. WMF Martins Fontes - São Paulo, p.140
- 7 | MERLEAU-PONTY, Maurice (1992). *O olho e o espírito*. Vega - Lisboa, p.32
- 8 | *Idem* GOMBRICH, Ernst Hans (2007), p.311
- 9 | *Soprado por Francisco Laranjo*
- 10 | *Idem* MERLEAU-PONTY, Maurice (1992), p.64
- 11 | *Idem* MERLEAU-PONTY, Maurice (1992), p.67
- 12 | *Idem Constable* in GOMBRICH, Ernst Hans (2007), p.150
- 13 | *Idem* KUNDERA, Milan (2015), p.174
- 14 | *Soprado por 14º Dalai Lama Tenzin Gyatso*

+

<https://www.youtube.com/watch?v=AXa2e5AcU0E> (Serra da Capivara, Brasil)

- *Dalai Lama Tenzin Gyatso* – líder espiritual do budismo tibetano (1935, Taktser – Tibet)
- *François Cheng* – escritor, poeta, calígrafo (1929, Nanchang - China)
- *John Constable* – pintor (1776, East Bergholt / 1837, Londres – Reino Unido)
- *Ludwig Joseph Johann Wittgenstein* – filósofo (1889, Viena – Áustria / 1951, Cambridge – Reino Unido)
- *Maurice Blanchot* – escritor, ensaísta, romancista, crítico literário (1907, Devrouze / 2003, Le Mesnil-Saint-Denis – França)
- *Maurice Merleau-Ponty* – filósofo, fenomenólogo (1908, Rochefort / 1961, Paris – França)
- *Walter Benedix Schönflies Benjamin* – ensaísta, tradutor, filósofo, sociólogo, crítico literário (1892, Berlim – Alemanha / 1940, Portbou – Espanha)

As Nuvens Que O São:

A distância

Prezado Sr. Esteves,

Condensar-se. Evaporar-se em uma atmosfera fria com o interior quente. Enxergar-se pelas manchas e cores distintas e distantes como fez e sugeriu Mr. Cozens.¹ Não me canso de visitar e visitar por várias vezes as coisas com as quais entrelaço relações em momentos e horários diferentes para as observar e tentar compreendê-las em seus diferentes estados animados. Não me canso de descobrir-me observando as nuvens. Também não me canso em esperar por ninguém para meu fazer. Ninguém sabe das respostas as quais procuro. Desconfio de tudo que já está ou vem pronto. No final das contas sempre estamos a sós.

Não acredito em dom. Acredito na qualidade entre matérias, na insistência, na ousadia de transformar e se transformar. Um trabalho só acaba quando não há mais munições! E quando o desgaste chegar, quando a perda do somar tocar, ter a semelhante coragem de dizer adeus como a quem amamos mas sabendo que o que ficou permanece para sempre. O bom de retirar-se às vezes fisicamente das pessoas nos dá lucidez, mas *Freud expunha ainda um último paradigma: a desorientação, experiência em que já não sabemos exatamente o que está diante de nós e o que não está, ou então se o lugar para onde nos dirigimos não é já esse dentro, do qual seríamos desde sempre prisioneiros.*²

As nuvens de Constable, van Gogh e den Ouden ostentam a insatisfação com as metodologias e repetições que não são capazes de retribuí-lhes o olhar às nuvens, emprestando-as seus olhos. *Se calhar, não fazemos outra coisa, quando vemos algo e subitamente somos tocados por esse algo, senão abrir-nos a uma dimensão essencial do olhar, nos termos da qual olhar se tornaria esse jogo assintótico do próximo (até ao contacto, real ou fantasiado) e do longínquo (até o desaparecimento e à perda, reais ou fantasiadas).*³

Está perto ou longe, onde estamos, onde nos encontramos. Tem sido uma luta andar e andar atrás dessas respostas e ao mesmo tempo que a arte faz-me aproximar das coisas nas quais considero divinas também me faz afastá-las. Nuvens de fantasia em um céu infinito, milhares e milhares de possibilidades de interpretações que possa eu dar, formas casuais, formas reconhecíveis e irreconhecíveis, não basta apenas vê-las. Duas visões possíveis? Visões nos sonhos e visões diárias, mas quando expando meus pensamentos e saio de onde me encontro vejo uma energia frenética a rotacionar todas as matérias do universo. É um sonho? Imagens por todos os lados, em paredes e pedras Leonardo *via paisagens divinas, adornadas com montanhas, ruínas, rochedos, florestas, grandes planícies e vales... batalhas e estranhas figuras em ação violenta, expressões de fisionomias, e roupas... Acontece com as paredes o mesmo que com o som de sinos: é possível ouvir a cada badalada a palavra que se imaginar.*⁴ *A semelhança que a arte cria existe apenas na nossa imaginação.*⁵

Sr. Esteves, meu avô por vezes levava-me ao porto de Santos. Ainda sinto a maresia entrar pelas narinas aonde quer que eu esteja. Aquela leve brisa do mar que tocava meu rosto em um banho de final de tarde, tenho saudades desta sensação. Margeávamos primeiro os canais pela praia, do 1 ao 7, até a ponta da praia e assistíamos aqueles grandes cargueiros a entrar e sair abarrotados de containers coloridos. Via aqueles enormes guindastes a puxar para cima “blocos de lego” gigantes como grandes deuses. Aqueles galpões antigos cheios de sacas de café e açúcar e os bons cumprimentos dos lobos dos mares e trabalhadores das docas. Andávamos pelo cais e os navios atracados e suas enormes paredes de metal com suas âncoras colossais. Meu avô sempre com uma postura e elegância que não vejo em nenhum homem dos dias atuais, a observar serenamente seu passado de frente e de costas para a bela Serra do Mar. Era criança, mas esta recordação chega-me novamente de tempos em tempos e tenho saudades da simplicidade de um bom passeio pelo porto de Santos.

Por sinal nossas recordações distantes podem ser o grande motivo na representação de nossas imagens, pois independentemente de onde es-

tejam elas sempre tornam-se presentes e vamos ao encontro de algo que nos faça lembrá-las. Quando tenho a possibilidade de retornar ao lar, vejo que lá é o lugar mais bonito do mundo. A serra e o mar ocupam a maior parte da paisagem, pode-se estar perto ou longe, mas, é distante que a serra e o mar tornam-se soberanos. Ao aproximar-se vejo árvores e mais árvores e ondas e mais ondas, os triunfos e suas glórias em nossa história. Vasari citou essa atenção na qual os artistas devem ter às coisas distantes que tornam-se valorosas quando são apenas esboçadas ⁶ e Horácio assemelha-se a ideia de dizer que a poesia é como a pintura, há poemas que nos agradam quando estamos perto e outros quando guardamos deles certa distância. ⁷

Foi ter vivido um ano inteiro em um dos corações da Serra da Mantiqueira que meus olhos começaram a interessar-se pelas manchas mais do que pelas linhas. Fui atrás e comecei a estudar e experimentar este fato de “ver a distância” construindo novas imagens já da Serra do Mar, mas foi agora em que a cor entrou e a miopia aumentou. Posso usá-la ao meu favor, colocando e tirando os meus óculos. Por exemplo, quando vejo algo demasiado definido, tiro-os para captar melhor as nuances. Mas não sou estúpido em dizer que isso seja bom, pois me irrita não reconhecer as pessoas a distância. É nesse jogo de soluções a qual neste momento me meti. São as nuvens e as ondulações agregadas de constante movimento onde eu e o Sr. *preferimos sugestão a representação, ajustamos nossas expectativas para usufruir do próprio ato de adivinhar, de projetar.* ⁸ Não acha?

Meus cumprimentos. Até breve.

S.

Janeiro de 2018

- 1 | COZENS, Alexander (1977). *A New method of landscape*. Paddington Press - London
- 2 | *Idem* DIDI-HUBERMAN, Georges (2011), p.211
- 3 | *Idem* DIDI-HUBERMAN, Georges (2011), p.133
- 4 | *Idem* Leonardo in GOMBRICH, Ernst Hans (2007), p.159
- 5 | *Idem* GOMBRICH, Ernst Hans (2007), p.161
- 6 | *Idem* Vasari in GOMBRICH, Ernst Hans (2007), p.163
- 7 | *Idem* Horácio in GOMBRICH, Ernst Hans (2007), p.162
- 8 | *Idem* GOMBRICH, Ernst Hans (2007), p.326

- Alexander Cozens – desenhista, pintor, escritor (1717, São Petersburgo - Rússia / 1786, Westminster – Reino Unido)
- Giorgio Vasari – pintor, arquiteto, escritor (1511, Arezzo / 1574, Florença – Itália)
- Leonardo di Ser Piero da Vinci – polímata renascentista (1452, Anchiano - Itália / 1519, Amboise – França)
- Quinto Horácio Flaco – poeta romano (65a.C. Venúcia / 8a.C. Roma Antiga)

A Dança:

Entre pratos e tintas

Alegria e sol. A luz ressurgiu nos mais infinitos buracos. Este segundo inverno do tempo de indagar e abrandar. Inverno de proposição a novas condições, o convite ao espaço transponível perante um velho e novo corpo. Lucidez no ver, essas pinturas, o encerramento deste projeto que dura quase seus dois anos. Há sempre uma coisa a faltar. O que falta? Respiro o carvão pigmentar nossas vidas. Irradiação, vibração. Bom ar a ingerir.

Tremenda velocidade além por mim cativada, corrida dumas dezenas de meses atrás ao meu renascimento, o bom fruto oferecido por Eva: um bom lar, uma boa alimentação, um bom trabalho, bons relacionamentos, boa naturezabilidade. Perceber o percebido equilíbrio de tudo. Convém salientar os trabalhos - aqueles trabalhos - que sujeitamo-nos ao pão, aqueles ingratos e desumanos, sustentados e suportados por seres em estado de emergência. A ponte do equilíbrio do mundo. A dança a persistir entre esponjas, detergentes, talheres, copos, pratos banhados pela água.

Poderia o correto descrever abusos e cargas horárias excepcionais não pagas. Apenas não valer a pena. Àqueles comem eu, comem muitos, lá estivemos e estão neste preciso momento. Algo melhor sempre nos espera? É pena o desperdício de energia, alguns camaradas e camaradas até já dez anos nessas condições: exploração, perda do tempo de existência na corrida pelo dinheiro servido para o pagar, o desgaste da saúde do corpo que nos causaram e nos causamos. Na cozinha de um barco no Douro a “Queen” Isabel nunca entrou, por isto ela é a Rainha. Nada mais que uma semana, digam o que quiserem. Zarpar! Me(te) contratam sorridentes.

A insistir nos pratos em terra firme, nos finos hotéis da cidade, o mesmo a repetir-se. Honestidade é o fantasma da lei sem contrato. Prometida remuneração adivinha? Incrível como esses senhores sugam nossa energia sem suor pingar no tapete. As pessoas dos bolsos rasgados já não se per-

mitem refletir, e por momentos “aceitam” devidas condições miseráveis. Sujeitam-se ao mínimo com o esforço máximo. No final, só nos serve para pagar contas sempre aos mesmos senhores.

Sr. Esteves, deve-se perguntar o que tem pratos com pintura? Sabe Sr. Esteves, parece-me que é pelo sofrimento o alcance da glória? Mendiância, assim não deveria ser. Sofrimento a ninguém desejo, apesar de uma experiência da vida humana ser. Ser preciso ao artista muitos desses senhores na jornada para senti-los pelas mãos numa luta desadormecido na potencia de seus lápis, pincéis e goivas, suas armas de afirmação a si e ao mundo, o mundo no qual pertence. Que não nasceu para ser senhor, nem vassalo, para sobreviver não nasceu!

O Homem para viver, para criar, para ter a liberdade de expressar-se ¹ e gozar desta rica experiência e tomada de consciência (por mais insignificante perante o universo), que ele é o detentor e único responsável exclusivamente por suas escolhas. Um lápis e um papel ser a arma mais eficaz da humanidade. Os senhores sabem disso: nada de seres pensantes! Ah, sim, sabem muito bem disso!

Numa desesperante sociedade de barriga vazia, estes senhores tão gordos. Quando surge uma voz daquelas bué contagiante, pinicante, que fazem-os desafroar o nó da gravata, estes senhores utilizam-se não das suas mãos de luvas, mas com as mãos desta própria sociedade desesperante para destruir e jogar no esquecimento intelectual pensante da massa, enterrando esses iluminados e corajosos nascimentos. Aprender a ser forte Sr. Esteves. Aceitei no passado por uma humildade fragilizada. Eles são piores que *o tempo que come-nos pelas beiradas*.²

Manhã de quinta-feira após noites de febre, calor e suor frio, entre Brasil e Portugal, nascendo sempre, ou, sempre a nascer almas iluminadas.

A dança continua.

S.

Março e abril de 2018

- 1 | *AGOSTINHO DA SILVA - UM PENSAMENTO VIVO (2004)*. Documentário,
João Rodrigo Mattos, Alfândega Filmes/Jorge Neves, 79 min.
(<https://www.youtube.com/watch?v=cRF9GcgivRE> (acesso 3/2018))
- 2 | *Soprado por Laércio de Freitas*

- *George Agostinho Baptista da Silva* – filósofo, poeta, ensaísta (1906, Porto / 1994, Lisboa – Portugal)
- *Laércio de Freitas* – pianista, tecladista, maestro, compositor, ator (1941, Campinas – Brasil)

Folia:

O poder soprar

Lá, num fundinho quietinho bem de um vazio buraquinho surge de ser capaz. Concentrada em seus diários métodos disciplinares, a gaivota aos poucos desbravava seus próprios terrenos atraída pelas incertezas. Voava com seu fajuto conhecimento lógico na direção das matérias pouco perceptíveis e compreensíveis. A gaivota foi tão dura consigo que durante bons dez anos dedicou-se do melhor nesta tarefa dum próprio ver por espontânea vontade. Permitiu-se esquecer um pouco de sua família e entes queridos retribuindo todo carinho oferecido por estes a si, à outras - às vezes aos amigos e simples desconhecidos, às vezes as árvores. Indefinidamente sentia que o lugar à colaborar num sentido supremo era lar longe. A sensação de abraçar a Serra dispunha -a da capacidade de crescer como um grande Ingá aos céus. A gaivota foi bem tratada foi, e só por isso bons voos para boas penas.

A gaivota repensa seu habitar e habitat. Aquela vontade e coragem das grandes viagens, das coisas não próximas, repensa. Repensa, dos sabores e toques estranhos, o descobrir próximo manifestado de novidades. Desbrava o *estar em um único lugar mas estar em todos ao mesmo tempo*.¹ O ver por dentro de um tubo de uma onda imponente. Por vezes, naqueles dias nos quais não há pescaria, esses dias em especiais, eram tristes dias, dias sós, pois bastava acordar para estar sujeita ao mundo. A dividir uma corrente de ar não imaginou mas criou um improvável momento de toque que a uniu a uma andorinha. (Uma coisa há de estranho há. Assim como um *gato malhado*² com uma andorinha não pode estar, por quê raios uma gaivota pode estar com uma andorinha?? Acontece, que neste caso em especial, um fator primordial há: voar os dois podem! nasceram para voar!)

É uma exibicionista a andorinha, linda do bico a tesoura, todavia ligeira, pronta pelas cristas surfar. É a única andorinha, talvez a única, de

pintinha charmosa do lado esquerdo acima do bico. Com os rouxinóis, a gaivota com isso tem enormes problemas tem. Do seu olho direito abaixo tem, um outro sinal tem, para os olhos da gaivota. Foi um sinal ao qual a gaivota pintou na noite em que tudo começou. Para a festa a pintá-la a gaivota de sua melhor pena usou e jamais apagou.

Que a tarefa de permanecer é inalcançável a gaivota sabe. Justa, pratica seu contrário, das coisas sua impermanência. E não é que isto faz com que as coisas permanecer tendem?! Presente simplesmente a leveza, com e sem passado e futuro faz, soprem e sopram ventos soprem.

Um único mar no peito dos dois pássaros de ninhos distantes, de sul a norte, há uma longa história de lar, de dois territórios, para qui e acolá. O incrível é antes mesmo de conhecerem-se, os dois lugares já o conhecem. Estão juntos, acolá e qui, qui e acolá, não importa em qual dos dois estejam no momento - estão.

Essa é uma pequena breve história Sr. Esteves, como há de haver uma sua também, ainda não terminada, duradoura. Sei disso Sr. Esteves, pois nunca vi a gaivota tão entendida de sua aldeia como agora.

Você-eu-nós.

S.

Fevereiro a maio de 2018

1 | *Soprado por Arlindo Silva*

2 | *Personagem em AMADO, Jorge (2007). O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá: uma história de amor. 14ª edição, Dom Quixote, Lisboa*

Zebra:

Camuflagem defesa seja

Sr. Esteves, dos poemas e dos poetas mais ou menos assim roubando pintando vou.

Acordar seguir caminho todos os dias atrás da estrela da alvorada. O simples, nada leva, caminha calor sol noite fria. Se alma modela-se qual aparência próxima ser? Tudo passa, até alma passa. O som mudo dos teus lábios que quer dizer? Porque não diz? É melhor não dizer. Que não vemos são imensidões de seres perambular entre o jogo dos vazios. ¹

Coragem acordar o sol. Coragem elemento necessário manter-se vivo. De imensidões montanhas céus mares falo. Desenho-os, gravo-os, pinto-os, justamente eu pertencer-lhes. Dominam-me escravo, trabalho enfeitado sua magia. Sonho por vezes mesmo sonho saltar voar. Se posso sonhar, provável já voei, novamente sonho. ²

Enxergo cores não, impossível encontrá-las, as marés vão. Decifrá-las aprendi nunca. Mundo preto branco vi, cinzas de escalas. Sempre assim a mim foi. Toda imagem não deixa de ser algo que por ora estava a dormir dentro de nós. Conceber necessita matéria. Matéria exerce tamanho poder sobre nós capaz permitir-nos sonhar ela. ³

Haver água sexualidade depende. Na flor do jasmim-manga água faz questão aconchegar-se para tirar-lhe perfume. O artista passa vida buscar nudez mundo. O mar possibilita o céu enxergar sua beleza. O artista autorretratista jamais se cansará de conhecer-se enquanto puder se ver na água. Água meus autorretratos transmitem pelo espelho cinza nebuloso? Podemos boiar sobre o seio do mar. Podemos afundar em seus sonhos. Somos o pólen do mar. *O mar propicia contos antes de propiciar sonhos.* ⁴

Água movimento por tudo corre escorre cicatriza o tempo. Que conduz-nos sempre há um paleio a nós mesmos. Água poli mundo esculpe tudo que é matéria. Vento carrega seu pó. Quando atravessamos nuvem atravessamos água. Água chove mar, mar vira nuvem. A água pode abraçar-te para sempre. ⁵

Pintar o mar na sequência dos acontecimentos. A pintura torna-se um instante, frames congelados de horas de movimentos. Como mar pinta-me? Como mar pinto-o? Pinta-se a formação da onda, o volume que aproxima-se e curva-se. Crista estouro artifícios, espumas cobras na superfície d'água. Maré vento mar-nuvem. Às vezes, as nuvens, as ondas surfam. Este são meus mares gravados em cores. Marcas estampadas determinam características adquiridas pelo ambiente em que vive-se. Particularidade sangue navega nos rios internos. Água mareia raízes troncos galhos. Folhas. Rios, as veias do planeta. Águas-doces – águas-salgadas - Água.

Zebra em cores. Pele superfície, minha proteção, camuflar espantar atrair permanecer fugir. A imagem que abstrai-me do meu redor. A propriedade da diferença que embeleza o corpo. O mar pintado de zebras.

Atração mar coberto por um nevoeiro carregado de mistério invisível apodera-se de meu coração de medos. Não há inocência quando refere-se ao Mar! Roubamos seus ouros. Selvagem feroz, ao mar peço permissão meus olhos ele mesmo enxerga-se. Mar conhece maldade do reino dos homens, por isso, não tem piedade sobre nós. Quem sou para falar aMAR?!

Sr. Esteves, roubamos sempre continuaremos roubando camuflando vamos. Somos zebras sobre linhos, somos zebras sobre a Terra.

S.

Primeiros dias de maio de 2018

- 1 | JUNQUEIRO, Guerra (1920). *Os simples* - 7ª ed. Parceria Antonio Maria Pereira, Livraria Editora - Lisboa
- 2 | BACHELARD, Gaston (2013). *A água e os Sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria* - 2ª ed. Editora WMF Martins Fontes, Biblioteca do Pensamento Moderno- São Paulo
- 3 | *Idem* BACHELARD, Gaston (2013)
- 4 | *Idem* BACHELARD, Gaston (2013), p.159
- 5 | *Idem* BACHELARD, Gaston (2013)

+

LONDON, Jack (1973). *O Lobo do Mar* - 40ª ed. 566/1850. Livros de Bolso Europa-América.

- *Abílio Manuel Guerra Junqueiro* – político, jornalista, escritor, poeta (1850, Freixo de Espada à Cinta / 1923, Lisboa – Portugal)
- *Gaston Bachelard* – filósofo, poeta (1884, Bar-sur-Aube / 1962, Paris – França)
- *John Griffith Chaney* (*pseudônimo Jack London*) – autor, escritor, jornalista, ativista social (1876, São Francisco / 1916, Glen Ellen – EUA)

Seu Antônio Mora No Paraíso Não Precisa Ir Ao Mar:

A montanha

Talvez, o mar, seja esse reflexo de alguém que momentaneamente sente não ter um lar que o pertence.

Sr. Esteves, gostaria de encontrá-lo... penso tê-lo visto sob o sol.

Breve,

S.

12 de maio de 2018

Verão Aqui, Inverno Lá: Sonoros chamados

Esse som que define a forma. Esse som que na verdade concebe as imagens. A canção do mar adormece numa concha. A bela sereia surge ao sussurrar em meus ouvidos. Entra em meu corpo, mergulha em meu sangue. Ferve, uma *fatalidade orgânica*¹ angustiante. Para Netuno, para a Mãe dos peixes, para os Marios e Betis, Anas, Lurdes, Samuéis e Rafaéis, Arlindos, Heitores e Yans, para os Portugueses, para os Brasileiros, Amigos e Amigas, para as Pessoas, para O Mar... palavras, papéis, tecidos, tintas, cores, ritmos, notas, estados anímicos...

... Sopro.

S.

20 de maio de 2018

1 | JUNQUEIRO, Guerra (1926). *A Velhice do Padre Eterno* - 2ª ed. Livraria Lello, Limitada - Porto, p.9

· Composição musical *Raphaël Feriol Tavares (Rapha L.)* – guitarrista, músico, compositor (1995, Paris XV - França)

Harp

Acoustic Guitar Capo 7

9

13

Acoustic Guitar 2

♩ = 95

5

9

Acoustic Guitar

♩ = 99

5

9

+ ORIENTAÇÕES

ANDRADE, Carlos Drummond de (2008). A rosa do povo - 41ª ed. Record - Rio de Janeiro

BELL, Julien. BELL, Vanessa (2000). *Five hundred self-portraits*. Phaidon - London

DIDEROT, Denis (2007). Carta sobre os cegos para uso daqueles que vêem - 1ª ed. Nova Vega, Limitada - Lisboa

JORGE, Manuel Martins Jorge. *Preditores das alterações visuais em jovens universitários*. Doutoramento em Ciências, Escola de Ciências da Universidade do Minho. Novembro de 2006

MICHELET, Jules (1997). Um olhar sobre os mares. Parque EXPO 98, S.A. - Lisboa

<http://www.tabuademares.com/pt/porto/barra-do-douro>

<https://www.infopedia.pt/>

<https://www.sinonimos.com.br/>

<https://pt.wikipedia.org/>

